

A Defeza Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactores: BERTHOLD KLINGER, PANTALEÃO PESSOA e EUGLYDES FIGUEIREDO

N.º 80

Rio de Janeiro, 10 de Março de 1920

Anno VII

PARTE EDITORIAL

7 de Setembro de 1922.
Na Marinha.

NAS demonstrações que serão effectuadas para a solemnidade patriótica do Centenario da Independencia, a Marinha Nacional não poderá esquecer o seu importante papel de factor essencial na composição de nossa força armada, cujas realizações, methodicamente attingidas no grande e bemdito interregno de paz que a Providencia nos tem dispensado, desejamos que sejam expostas aos olhos do povo brasileiro, naturalmente interessado em conhecer os resultados que a Nação pôde colher, como fructo da contribuição de seus cidadãos para o aperfeiçoamento dos instrumentos de sua soberania.

Infelizmente, como no caso do Exercito, a Marinha não poderá apresentar um conjuncto adequado ás nossas complexas necessidades militares. Todavia, alguma coisa tem-se conseguido, e, do que resta ainda por fazer, uma parte está seriamente preocupando a Administração Naval, de sorte que, n'estes dois annos e meio que nos faltam, com trabalho perseverante e bem orientado, poder-se-á accrescentar muito ao que já temos.

N'esse tempo o Departamento do Caes dos Mineiros terá provavelmente appare-

lhado o porto do Rio de Janeiro — unica base naval de que dispomos — com os elementos de conservação e mobilisação que lhe faltam para nossa pequena Esquadra, até hoje á espera anciosa d'essa providencia.

Com a autorisação do Congresso e os creditos para isso dispostos, teremos, na Ilha das Cobras, um caes acostavel de 700 metros de extensão, onde poderão atracar os maiores navios, não sómente para reparos nas machinas, casco e armamento, como para receberem os sobresalentes de toda sorte e mantimentos no caso de mobilização.

Com este objectivo serão levantadas, na area plana de Ilha, officinas modernas, acabando-se com a dispersão, que hoje existe, de varias dependencias que, embora concorrendo para o mesmo fim — o apresto do navio — encontram-se em pontos bastante afastados entre si.

Reunindo-se ahi, ao lado do Arsenal, os depositos de sobresalentes da artilharia, de torpedos, de consumo geral, e os mantimentos, as unidades que desatracarem do caes do norte terão apenas que fazer o seu abastecimento de combustivel em outro ponto da bahia, e atracar ao Boqueirão para receber a munição de guerra dos paíões refrigerados que lá se encontram e serão multiplicados.

A inauguração d'esses serviços, feita a 7 de Setembro de 1922, seria uma bella e util coparticipação da Marinha, mobilizando nossos dois couraçados, tres cruzadores, dois guarda-costas, dez contra-

pedeiros, tres submersiveis e o seu poder ao lado das novas unidades que se adquirir, entre as quaes deverá preponderar o numero de submarinos tão indispensaveis á vida dos nossos portos, e os mais bem defendidos.

Aviação Naval vem egualmente progredindo, e continuamente tem visto aumentar o numero de hydro-aviões a serviço. Não será exaggero suppor-se, dentro de dois annos, ella dispor, no minimo, de cincoenta unidades de guerra, além dosapparelhos de guerra.

O que diz respeito ao pessoal, a Esquadra mantém seus navios com effectivos completos, ou proximatez taes, bastando requisitar ao Corpo de Marinheiros as forças que faltarem na lotação das unidades, que, propositalmente — embora não se perceba bem porque — muitas vezes se desfalcadas em seus effectivos, com grandes prejuizos para a instrucção, em tempo permanecem centenas de homens acartelados em Villegaignon. Mas, em tempo de guerra, os serviços auxiliares multiplicar-se-ão, complexos e multiplos; para a utilização, grande numero de navios pequenos e pequenas unidades varias, passarão á direcção do Estado Maior da Armada ou dos commandantes das esquadras, precisarão ser guarnecidos por pessoal da Marinha, sempre que possível.

Os reservistas que têm sido preparados deverão ser chamados na mobilização, podendo-se, em cada navio de guerra, substituir 20% da tripulação por rapazes — *que irão ter o primeiro contacto com a vida do mar.*

O Batalhão Naval comprehende hoje artilharia, metralhadoras, artilharia de canhão de tiro rapido, serviços de engenharia, cyclistas e signalaria.

Agora ainda não foi definida, oficialmente, com clareza, a sua função na guerra. A julgar, porém, pelas organizações estrangeiras que possuem unidades

semelhantes, não será difficil encontrar-se a applicação a dar-lhe.

Ha grande numero de reservistas do Tiro Naval, no Rio e em Santos, que deveriam ser incorporados por um período de quinze dias de manobras, em que se desenvolvesse um thema elaborado pelo Estado Maior da Armada, e no qual, além da Esquadra, tivesse o Batalhão a sua parte activa.

Terminada essa quinzena, o Batalhão desfilaria com suas reservas na Capital, e uma revista naval em aguas da Guanabara fecharia as demonstrações da Marinha no Centenario.

Como dissemos no caso do Exército, se o Departamento do Caes dos Mineraes quizer ir além d'esse modesto programma, que a «A Defeza Nacional» pede venha suggerir, só alegrará o coração dos patriotas e maiores applausos merecerá da Nação.

Da Província

Itá...

Apesar das multiplas providencias do commando e o incansavel esforço do Capitão do Serviço de Saúde, ainda não é satisfactoria a organização da **ambulancia regimento** para attender como deve aos multiplos casos clinicos e chirurgicos que subitamente se apresentam. E toda a difficuldade reside na regulamentação geral das Enfermarias Regimentaes, que fôrta mente organizada tendo em vista outras condições onde sejam facéis as communicações hospital, para onde em algumas poderão os enfermos serem conduzidos em autocarro, o que infelizmente não é o nosso caso. Aqui, para baixar á Enfermaria Regional os nossos doentes de fazerem uma viagem de 4 horas por estrada de ferro, sujeitos a deacção quer im Mayrink ou Jundiahy, se torna muito penosa para quem esteja de enfermidade de caracter sério, ou em melindroso, pois neste trecho não dispõe de trada que nos serve de carros-leito. No transacto tivemos a infelicidade de perdidos dos nossos conscriptos, *que falleceu em quando por transferencia da enfermaria regional demandava a regional...* Entendo, portanto, das as enfermarias como a nossa, que dispõem de meios facéis de conducção hospital, deveriam dispor de um posto de enfermaria e pharmacia, semelhantes ao de que está dotada a Villa Militar, além das ambulancias regimentaes que possuem os corpos accionados.

Som de ver o mal para o direito o tempo Os p Pharmacia que le... os, que des lige... dador... a Chefe... que não... arias a... chelle L... medicam... pharmaci... tico ha... dizer nem... até mesm... que foi... tario, dei... de verba... avulsos, i... ração de... destes cas... emprestim... tem sido... accessorios... platina, m...

O edificio... mento se l... offerece to... regimento... esforçado... como sejan... e campo pa... promptos c... o picadeiro... foram inici... dos grupos... tido de ser... melhor dist... arrecadação... positos, mu... compartimen...

Acha-se es... Krupp, c. 7... de munição... 4 reparos de... material este... do que deve... Existe neste... terial de acar... para officiaes... 350 barracas... insufficiente p... Regimento ter... seu quartel...

As multip... dos das divers... retaram como... na orientação d... Assim é que o... 10 commandan... diversos comm... 4 commandant...

mente assim evitaríamos passar pelo vexame de termos correr risco de vida, uma vez que a doença é remediável, a quem deixa o seu lar para vir cumprir um dever, e tem innegavelmente a efficaz assistência á sua saúde durante o tempo em que presta seus serviços á Nação. Os pedidos remetidos ao Laboratorio Chimico Pharmaceutico Militar, de medicamentos, com legalmente pôde ser dotada a nossa pharmaquia que só se destina a attender ás enfermidades ligeiras, foram no entanto sempre **despedidos com deficiencia**, declarando mesmo o Chefe do Serviço de Saúde do Regimento não attenderam á lista das drogas necessarias ao consumo usual e sim á vontade d'elle Laboratorio, acontecendo o accumulo de medicamentos de pouco uso nas prateleiras da pharmacia... Sobre o **instrumental cirurgico** ha a mesma deficiencia, o que importa em ter nenhum interesse pela vida do soldado, pois mesmo uma caixa de cirurgia de urgencia, foi pedida ao Deposito do material sanitario, deixou de ser fornecida á vista da falta de verba para tal fim. Existem apenas ferros e alhos, insufficientes para qualquer caso de operação de urgencia, tanto assim que para um destes casos teve de recorrer o regimento ao **prestimo feito a um particular**! Pelo cofre não sido adquiridos aos poucos appparelhos e accessorios de uso commum, como agulhas de sutura, machina electrica, thermo-cauterio, etc...

O edificio onde se acha aquartelado o Regimento se bem que amplo e hygienico, ainda não ferece todas as adaptações necessarias a um commando de artilharia. Tem o commando se esforçado para solver as faltas mais sensiveis, como sejam: os parques, as baias, o picadeiro de campo para instrucção. Assim é que se acham completos o campo de instrucção e 128 baias; o picadeiro está em vias de terminação e já foram iniciadas as obras dos parques para um dos grupos... Outras obras se impõem no sentido de ser dado maior conforto ás praças, como a melhor distribuição das reservas de inferiores, arrecadação de armamento, arreiamento e depositos, muitos dos quaes estão em mais de um compartimento e distantes dos alojamentos...

Acha-se este Regimento dotado de: 12 canhões Krupp, c. 75 L. 28 com os respectivos carros de munição, 4 viaturas baterias, 4 viaturas forjas, 1 reparos de sobressalente e 4 lunetas de bateria. Material este, como se vê, que é a metade do que deveria ter o Regimento...

Existe neste Regimento apenas o seguinte material de acampamento: 15 barracas de tela kaki para officiaes, com as respectivas armações e 350 barracas de lona kaki para praças, o que é insufficiente para qualquer exercicio em que o Regimento tenha de tomar parte abandonando o seu quartel...

As multiplas successões de commandos das diversas unidades deste Regimento, acarretaram como é facil de prever-se falta de unidade na orientação do commando, instrucção e disciplina. Assim é que os grupos tiveram: o 11 9, e o 1 10 commandantes, e as baterias passaram por diversos commandos, a saber: a 4.^a e 5.^a com 4 commandantes, a 1.^a com 5, a 3.^a com 6 e

a 2.^a com 9 e a 6.^a com 10. Estas constantes substituições foram motivadas pelas inopportuniidades das transferencias...

...O **reerutamento de graduados** pelo actual processo, além de muito deixar a desejar pela sua deficiencia, não satisfaz tambem por não permittir tão cedo o completo preenchimento das vagas actualmente existentes na arma de artilharia. Aos officiaes nos corpos, onde muitas vezes, como neste corpo sempre aconteceu, é o unico instructor, falta-lhe tempo para poder preparar cabos e sargentos, das praças que se destacam na instrucção e precisariam constituir turma a parte; melhor seria se existisse uma **escola de aperfeiçoamento** tambem para a artilharia onde deveriam ter matricula os cabos que fossem indicados pelos commandantes de baterias.

...A consolidação das disposições sobre fardamento tem sido de difficil applicação, trazendo trabalho insano para os commandantes de baterias, pois que as incorporações dêram-se em diversas épocas e as peças de uniformes foram enviadas por partes...

...O **ensino de analphabetas** que a principio estava a cargo do official professor da escola regimental, passou em primeiro de Agosto a ser ministrado por 4 **professores publicos** do Estado de São Paulo, o que num bem intencionado patriotismo de seu governo, veio facilitar a ardua missão dos officiaes arregimentados.

Da acção proficua destes dignos professores dil-o o bom resultado obtido nos exames respectivos os quaes accusaram uma porcentagem de 79,2 alphabetisados. Sendo matriculados no inicio 189 praças alphabetas, foram depois eliminadas por promptas na escola 29, por motivos disciplinares, 11, restando por occasião dos exames 149, das quaes 37 não apresentaram aproveitamento real e 141 foram consideradas alphabetisadas. Este resultado, dado o pequeno lapso de tempo de que dispuzeram para o ensino, é deveras animador, e oxalá possamos no corrente anno começar o ensino por occasião da incorporação, o que nos dará, estou certo, 100% de aproveitamento, tal é a confiança que temos nos dignos professores, dados o esforço, a boa vontade e aptidão por elles revelados.

Não cogitando o R. I. S. G. da regulamentação das **officinas** e tendo o commando em vista a boa ordem ao serviço, seu rendimento e economia que possam offerecer ao cofre, organisou o seguinte: **Regulamento das Officinas.**

1.º) Todo o serviço que tiver de ser executado pelas diversas officinas do regimento, deverá ser solicitado em parte assignada pelo commandante da unidade que della necessitar.

2.º) Publicado que seja o despacho deste commando, irá para a Intendencia, onde será organisada uma nota explicativa do trabalho a executar, a qual receberá um numero de ordem, que será directamente entregue ao Sr. Primeiro Tenente Ajudante que determinará então como deverá ser executado tal serviço.

3.º) O encarregado da officina fará pido do

material que fôr necessario, pedido este, que é visado pelo Sr. Primeiro Tenente Ajudante. A execução do serviço obedecerá *rigorosamente* á ordem numerica recebida na Intendencia; e unicamente aquella que trouxer a declaração *Urgente*, assignada pelo Sr. Tenente-Chefe Fiscal.

O material que fôr empregado em toda e qualquer obra que não se destine exclusivamente ao serviço do regimento, deverá ser totalmente indemnizado; podendo para isso o interessado procurar o Sr. Primeiro Tenente Ajudante que organizará o orçamento respectivo, rescido de 10 %, que serão destinados á compra de novas ferramentas.

Este pagamento deverá ser feito integralmente no acto do recebimento da obra, devendo a importância ser recolhida ao cofre do Comando Administrativo, e não só ahi escripturada, mas também no livro conta corrente das officinas que ficará em poder do Sr. Primeiro Tenente Ajudante.

Concluída a obra, deverá ser esta entregue á Intendencia com a declaração do seu valor em numero de ordem; afim de lhe ser dado destino conveniente; e feito carga a unidade competente.

As officinas apresentarão mensalmente a declaração do material consumido com a declaração das obras em que foi o mesmo empregado, afim de que lhe seja feita a descarga.

O serviço de **ranchão** é feito pelo regimento do fornecimento de rações preparadas, que é o mesmo processo até hoje adoptado nos corpos, e até á presente é usado em toda a Região, com optimos resultados. Além do resultado que dá para o fôr, em virtude mesmo de serem os constantes homens affectos a taes negocios, o não se dá com os nossos officiaes intentos, sobrepuja elle pela grande vantagem de se empregarem no rancho sargentos, cabos e soldados e que *por si só valeria a pena*, mesmo o augmento de despesa, que realmente não há, pois ha maior economia do que se fosse unido o rancho administrativamente, além do que é mais bem feita a comida e melhor exercida a fiscalisação. Resente-se porém o regimento da falta de carros-cosinha ou marmittas para o caso das manobras ou qualquer exercicio longe do quartel.

O problema da **remonta** ainda não se resolveu entre nós e só os altos poderes publicos poderão resolvê-lo quando o encarar com a devida attenção que elle requer... a unica solução que actualmente se nos offerece é a das comissões permanentes de prafas de animais, o que excede a alçada do mandante da unidade.

Reiterado tem sido os pedidos deste commando no sentido de ser o regimento dotado de um officio, pois que desde 2 de Junho ficou o serviço affecto a um sargento leigo. Posso dizer que o regimento 125 animais, é imprescindivel a assistencia veterinaria, cuja falta poderá correr para a perda de alguns animais que nam a adoecer e lhes falte por completo o necessario tratamento.

Joinville. — O batalhão (13.º B. Caç.) está acantonado em um velho theatro que muito mal comportaria com praças. A escola regimental funciona no rancho, que por sua vez está situado no ex-palco. Não ha material, não ha animaes, não ha campo para instrucção, enfim não ha quasi nada, sobretudo ha falta de officiaes. Acabam de chegar dois aspirantes que vieram estreir seu serviço na tropa commandando companhias, um d'elles accumulando esse cargo em duas e ainda o de professor da escola regimental. Começaram no dia 2 a instrucção dos recrutas, que são esplendidos; ella é dada nas ruas ou no pateo do quartel de bombeiros (!) ou no do Tiro de Guerra 226 (!)

7.º R. C. I. (Sant' Anna do Livramento). Depois de estabelecida a dotação de munição para os exercicios de tiro, os corpos d'aqui do Estado só pedem tal dotação, não existindo um fornecimento especial, um stock, para serviços extraordinarios.

Assim sendo, no fim de cada anno estão esses corpos com diminuta carga de munição e se de momento tiver de se lançar mão de um regimento, a este faltará munição para bem cumprir seu dever numa emergencia rapida.

Cito um exemplo. O anno passado o velho 15.º R. C. fez em Janeiro pedido de cartuchos destinados ao tiro. No fim do anno, para as manobras, só teve o indispensavel e escasso, porque o pedido fôra feito pela dotação antiga, depois augmentada (Bol. de 15. 5.).

Fez-se novo pedido, de accordo com o augmento, mas, este ultimo pedido só foi attendido em Fevereiro do anno corrente e isto mesmo por muito empenho, incluindo até pedidos particulares.

Pela falta de cartuchos de guerra, interrompeu-se a instrucção de tiro depois das manobras, contrariamente ao disposto no R. T. C. (*)

Sem munição recebemos ordem, em 1918, de marchar afim de guarnecer os Frigorificos em consequencia de uma greve. Estavamos, pois, desarmados.

Parece que o M. G. deve com urgencia, e maxima, determinar uma dotação de 90 ou 100 cartuchos de guerra, por homem para a segurança do corpo, independente da do tiro. Será uma distribuição a fazer uma unica vez...

(*) N. da R. — Não esquecer que o R. T. I 1919 é commum a todas as armas...

Serviço militar e escola

No Brasil, quasi tudo é muito fallado, discutido apaixonadamente, filiado a esta ou aquella escola; na maioria dos casos porém a applicação é despresada e, as mais das vezes, nunca tentada.

Muitos já escreveram em prol da nossa nacionalidade. O exercito e a armada têm sido apontados pelos talentos de escola como verdadeiros cadinhos, de onde nossa gente sahirá mais forte, moral e physicamente. A pratica ainda não corresponde,

...rêm, ás bellas paginas escriptas, ás verdadeiras theorias pregadas pelos novos angelisadores de nossa raça.

O Estado de S. Paulo, que vibrou de enthusiasmo ao ouvir o verbo patrioticamente luminoso de Olavo Bilac, offerece um exemplo que merece ser estudado e conhecido.

E' sabido que na escola primaria na vida da criança é modelada a feição do homem de amanhã.

Deverá pois existir para professores, directores de grupos e inspectores escolares uma doutrina, uma directriz unica relativamente á defesa, á grandeza de nossa patria e ao papel reservado á marinha e ao exercito. E' tambem mister que exista unidade de doutrina.

E' na escola que o professor vae arguindo silenciosamente pelo seu trabalho a grandeza das gerações que se formam. Em S. Paulo não ha essa unidade de vistas nesse particular... E nos outros Estados?

Transcrevo para provar quanto digo os exemplos seguintes, grupando-os porém em duas partes. São respostas dadas pelos inspectores escolares de S. Paulo ao illustre Dr. Oscar Thompson, director da instrucção. O Dr. Thompson aconselhou que estudassem uma serie de questões e emittissem opinião nos relatorios. Ha entre as propostas a seguinte: «a escola e o serviço militar obrigatorio».

1.º grupo — que, no meu despretenso modo de julgar, qualifico de bem orientado:

«Entendemos que a escola é o ponto de partida para o preparo do futuro cidadão ao serviço militar.»

Esta opinião foi emittida pelos Srs. José Dias, Aristides de Castro e J. Britto, inspectores da 1.ª, 2.ª e 3.ª zonas, respectivamente.

«O serviço militar obrigatorio constitue, por assim dizer, o nucleo das providencias e medidas tomadas para a defeza nacional». Benedicto Tolosa; 4.ª zona.

«Conhecidas as vantagens educativas da caserna pelo nosso caboclo, facil se tornará a perfeita execução da lei, unico meio capaz de levantar o moral e o phisico do nosso povo. Na caserna, o caboclo comprehende a vida de sociedade e vae conhecer os comensinhos principios de hygiene. Melhora o seu moral, o seu phisico; torna-se um homem util a si e á sociedade». Mauricio Camargo; 8.ª zona.

O Sr. inspector da 1.ª zona não deixou transparecer suas idéias; é pena porque assim a analyse seria mais completa.

Não ha necessidade de commentar as linhas acima que traduzem o pensamento de espiritos equilibrados e que têm uma visão segura do nosso futuro como povo forte.

2.º grupo — que classifico de mal orientado:

«Não somos, *felizmente*, uma nação guerreira. O militarismo (?) é planta exotica no sólo brasileiro»... «Continuemos a manter as Linhas de Tiro criadas; animemos a instituição benemerita da Cruz Vermelha; fomentemos o escotismo tão educativo e de effeitos salutaes para a mocidade. Taes instituições *redundam* no preparo militar e *não passemos d'ahi*». José Boanova; 9.ª zona.

E' bem modesto o limite superior de preparação militar demarcado pelo distincto professor. O exercito e a marinha são órgãos inuteis para o Sr. Boanova.

«... Penso, por isso, que o serviço militar obrigatorio nas condições em que se acha a nossa mocidade, escapa á acção (salvo o cacophato)* da escola». Julio Pestana; 10.ª zona.

«Com relação ao serviço militar, penso que a escola pouco tem que ver com isso»... Antonio Aranha; 11.ª zona.

O antagonismo d'este inspector com os da 1.ª, 2.ª e 3.ª zonas é berrante.

«Os meninos assim preparados nos Grupos e escolas, ao deixarem-nos, entrarão para as linhas de Tiro e eis os nossos pequeninos escolares transformados em defensores da Patria». Cypriano Lima; 13.ª zona. A marinha e o exercito sempre esquecidos como principaes preparadores e defensores da Patria.

«Em doutrina, sou contrario ao ensino obrigatorio assim como ao serviço militar obrigatorio»... Camargo Couto; 14.ª zona.

O facto que resalta nitidamente é que, no seio dos inspectores escolares de S. Paulo não ha uma *idéa bitola* para guiar como almenara na parte relativa ao serviço militar.

As duas corporações armadas do Brasil, não são lembradas pelos illustres educadores como verdadeiras escolas que são, como centros dynamicos contra a estagnação de maremman de nossa nacionalidade.

(*) N. da R. — ? ou hiato?

A opinião de cada um em particular, é sagrada e deve ser respeitada, porém quando se trata dos interesses do Brasil, uma unica deverá ser a orientação e aos poderes executivos cumpre traçar essa patriótica senda.

Seria quicá de grande utilidade que nas sedes das Regiões, os directores de grupos, inspectores de ensino e professores trocassem idéas com officiaes de reconhecida capacidade e fossem assim orientados de um modo seguro (*). Todos os directores de grupos, em S. Paulo, foram estudar hygiene em Butantan...; porque não poderão ouvir algumas conferencias para conhecer melhor a marinha e o exercito?

E' lastimavel a confusão de serviço militar obrigatorio e militarismo, bem como o esquecimento systematico do exercito e da marinha patenteado nas citações transcriptas.

Finaliso essas ligeiras considerações pontando um facto que se me deparou ao lêr os relatorios apresentados ao Dr. Thompson e que merece reparo, mómente sabendo-se que ha cerca de 40,000 japezes já localisados em S. Paulo.

«Em Jepuvuna ha duas escolas. Estão bem localisadas e bem installadas na colonia japoneza de Katsura, em casa convida e doada pelos proprios colonos, para funcionamento das escolas e residencia dos professores. Um professor japez tambem lecciona aos alumnos matriculados nestas escolas, em sua lingua materna «fóra das horas em que os alumnos devem frequentar as escolas estas».

Não teria começado assim, tão manrosamente, tambem na California e alhurs a invasão japoneza que tanto trabalho m dado aos Estados Unidos? Não tenho menor sentimento xenophobo ao fazer essas ponderações.

1º Tenente Gustavo Adolpho Murgel.

(*) N. da R. — Isso emquanto não seja conção sine qua non para o professorado a posse de caderneta de reservista ou da qualidade de oficial da reserva.

Reminiscencias de um Velho Turco

mo me fiz ou me fizeram soldado...

approvado ou antes habilitado no exame de missão á matricula na Escola Militar, era ter obtel-a como natural coramento, como unico remate áquella exigencia regulamentar.

Para conseguil-a indispensavel se fazia desbruir um *empenho*, ou como se diz nos tempos que correm, *cavar um pistolão*, para o general commandante da Escola ou para o seu secretario.

Como havel-o? como caval-o? Eis o problema. O General Polydoro, então Visconde de Santa Theresia, passava por ser um homem ultra-independente, extremamente austero, austeridade que ia até ás raízas da dureza, refractario a politico inflexivel a pedidos, incorruptivel até a medula aureolado e respeitado pelos seus grandes serviços prestados ao Paiz. Temido dos alumnos traçara pela sua natural rispidez e proverbial indelicadesa, attestadas pelas linhas sempre sombrias do seu annuviado semblante, traçara, então a sua pessoa e os seus subordinados, um largo fosso de separação.

Inteiramente se acolhera á massa cobrida de uma rigida e mal entendida superioridade moral e de uma revoltante preeminencia militar. Era difficil transpôr-lhe os respectivos taludes. Por isso só fóra em vida temido, respeitadíssimo jamais estimado.

Seu secretario era para mim um enigma a decifrar, uma incognita a resolver. Vi-o pela primeira vez quando me apresentei á Escola no acto de effectuar matricula. Era um major de regular estatura, grandes barbas negras, envergando uma blusa preta, bem preta, tendo nos extremos da gola sobre um trapezio de veludo azul ferrete uma esphera armillar prateada, quanto gasta pelo uso.

Apparentemente severo e frio, falando pouco monosyllabicamente, era, no entanto, na intimidade muito affavel, communicativo e extremamente polido, demonstrando uma aprimorada educação civil.

Só a disciplina da época pôde explicar essa dualidade de trato: affectar uma severidade, á vezes, até á rispidez, em franca opposição aos nobres sentimentos de uma alma finamente trabalhada, por uma instrucção aprimorada...

Alguns levavam essa rigidez até a negação do cumprimento, tendo o cuidado de collocar previamente as mãos nas costas para que do contacto dellas com as do subordinado não promanassem os germens da indisciplina.

Era uma medida prophylatica como qualquer outra, mas inocua, sem resultados praticos.

Mas um simples acaso veio solucionar o extranho problema...

Para suavisar, temperar as agruras de uma existencia atormentada pelas necessidades materiais de toda a sorte, todas as manhãs antes de frequentar as aulas do Collegio Victorio, cujo director, de gratissima e inolvidavel memoria, me acolhera generosamente, ministrando-me gratuitamente a instrucção secundaria, ia *ajudar missa* numa velha e archaica egreja, de estylo barbaro e desgraçoso, producto de uma arte primitiva que remonta aos fins do seculo XVII, em pleno contraste com os bellos e magestosos edificios que actualmente a circundam em pleno coração da cidade.

Era o *ajudar missa* um habito que adquirira pelos principios religiosos, sinceramente arraigados em minha familia, que, sem consultar-me, me destinava á carreira ecclesiastica.

Dessa egreja era capellão ou reitor um padre portuguez naturalisado, gordo, de meã estatura, faces rochunchudas, papada de farta exudicia, feições sympathicas, de character ardego,

penetrante e um tanto dado a conquistas rosas, não obstante ser meio fanhoso e co no trato.

Como todo ecclesiastico que se presa, usava os de ar de ouro e tomava rapé, cuja de tartaruga com laves de prata gostava exhibir á clientela. Fôra frade carmelita, o escapulario lançára ás ortigas, talvez porque pregras monasticas lhe tolhessem, em parte, aventuras, ás inclinações para o amor livre. Não obstante haver-se secularisado mantinha, vez pela força do habito, francas relações de sãde com os seus antigos confrades, a cujas as religiosas annuaes assistia com fingida e oculta unção de um devoto accommodatio. De suas visitas ao Convento da Lapa, uma ou qual convivência se estabelecera entre e um velho conego, que ali residia.

Portuguez naturalisado, egualmente adiposo, de tre e peito salientes, de amplas glandulas matrias, trazendo bem cuidadas as brancas mechas, caindo em cachos, em longas espiraes de ta nova, de andar medido e pesado, um to instruido e muito lido em litteratura nhentista.

adorava Camões, cujas estrophes dos *Luziados* otosamente declamava, sublinhando-lhes as lezas.

Era nessa época capitão-capellão do corpo lestiastico do exercito, cujas estrellas doira-se engastavam nos punhos das mangas de a larga batina preta, avivada de vermelho, npre nova, lidamente asseada.

Trazia á cintura uma ampla faixa escarlate sãda achamlotada rematando em dupla borla mesma cõr; usava finos sapatos de verniz, n fivellas de prata.

Pelas gordas pernas acima subiam umas meias sãda sulferinas, e umas fitinhas bicolores navam-lhe o peito, pondo em franco relevo as ndecorações e medalhas que o Governo impel lhe galardão os serviços prestados na z e na guerra.

Fôra no Paraguay que elle conhecera o geral Polydoro. E dessa communhão nos peris derivou entre ambos uma leal e sincera aisade que a idade, os annos e as distancias a nsolidaram em forte e resistente argamassa.

Investido no alto cargo de commandante da scola Militar da Praia Vermelha, o *Visconde* amou para junto de si o antigo camarada deu-lhe sem prejuizo de suas funcções ecclesiasticas, a regencia da aula de portuguez, vaga or uma longa licença concedida ao respectivo thedratico, o celebre poeta *Lagartixa* (Dr. Laundo Rabello).

Conta-se que, quando se agitava uma controvérsia qualquer sobre vernaculo, o novel professor e velho ecclesiastico (como tal emparrado em citações latinas), querendo justificar sua respeitavel opinião, costumava repetir do-maticamente:

— Dizem os mestres, diz a cadeira, diz o com- pendio; digo eu.

Era o *magister dixit* na plenitude de sua stulta arrogancia.

O capellão ou reitor da vetusta egreja, onde ccidentalmente exercia eu o humilde encargo e *sacrista*, ou antes, de *escorruptichador de ga- netas*, sabendo que bracejava afflicto, angustiado, m busca de uma recommendação para poder

effectivar minha matricula na Escola Militar, con- doendo-se de minha sorte, espontaneamente me deu uma carta para o conego...

Fui encontrar-o na sua cella no Convento do Carmo, na Lapa, gosando á frescata das delicias da brisa marinha que, á tarde, amenisava a canicula de um dia senegalesco de fins de De- zembro.

Envolto num amplo roupão entreaberto, de chita vermelha com ramagens crême, tendo á cabeça uma especie de barrete de seda preto, deliciosamente reclinado numa *espreguadeira*, os olhos semi-cerrados, o velho conego parecia em- polgado numa meiga e voluptuosa somnolencia. Meditava, quem sabe? pois o breviario jazia aberto sobre as pernas.

Caiada de fresco, a cella era banhada de forte luz, que se escoava por uma larga janella, dando para um pateo ajardinado, onde as flô- res criminosamente se confundiam com a gramma e as hortaliças.

Parco e antiquado seu mobiliario: uma sin- gela cama de madeira, uma commoda, um mo- destissimo lavatorio de ferro, encimado por um pequeno espelho quadrangular de estreita mol- dura de um doirado duvidoso, duas ou tres ca- deiras de palhinha, uma *espreguadeira* e uma pequena estante de livros.

Como unicos adornos, dependurados á parede: uma folhinha de escriptorio, onde o algarismo 28 se lia em negras letras de alto relevo, e um Christo crucificado de olhar bondoso e meigo eternamente exudando sangue por entre as cha- gas rasgadas pelos acilões judaicos.

Tudo em desalinho. Roupas, folhetos, jor- naes, objectos varios, espalhados por toda a parte.

Ao sentir os meus passos pela porta semi- aberta, o velho conego estremeceu, fechou o breviario caído sobre uma das suas pernas e soergueu-se.

— Entre, quem é.

— Dá licença?

Entre com passos vacillantes, chapéo na mão, tremulo, como se me achasse ante um super- homem e curvadamente lhe entreguei a carta.

Rasgou o envelope, leu-a rapidamente e olhando-me de esguelha, inqueriu-me:

— Então, vosmecê quer estudar, tem mesmo desejos de estudar?

De repente, abruptamente, como se uma idéa lhe ferisse o pensamento em doidas scentelhas, perguntou-me:

— Sabe ajudar missa? Então responde:

Introito ad Altare Dei.

Ad Deum qui iustificat juventutem meam, respondi.

— *Judica me Deus...*

E quando contractamente batia no peito as palmadas convencionaes do *arrependimento*, que se seguem concunmitantemente ao *mea culpa, mea maxima culpa* do *Confiteor Deo Omnipotente*, elle interrompeu-me, dizendo:

— Basta, vosmecê não estropêa muito o la- tinorio; não. Bem, si matricular-se na Escola fica na obrigação de, nos domingos, ajudar-me á missa. O soldado que me serve de sacristão não presta para nada. Está assentado?

— Está, balbuciei timidamente.

Depois accrescente num rasgo de tardia cortezia:

—Terei muito prazer em ser-lhe util, senhor

—E' verdade; ia-me esquecendo, atalhou o

maravell ecclesiastico.

O padre..., em sua carta me assevera que

smecê tem preparatorios, tem exame de por-

queuz?

Então vamos á prova.

Retirando da estante um velho exemplar

celebre poena camoneano, abriu de par em

os *Luziadas*, e começou a declamar:

Isto dizendo, manda os deligentes

Ministros amostrar as armaduras;

Vêm arnezes, e peitos reluzentes,

Malhas finas, e laminas seguras,

Escudos de pinturas differentes,

Pelouros, espingardas de aço puras.

(Cant. I. Est. LXVII).

Parece que, no espirito do experimentado

desiastico, do ex-professor de vernaculo, qual-

quer coisa de bom, de agradável, de aprazivel

lhe ficou gravado nessa especie de *exame*

tributar, a que capciosamente me submettera,

quanto se erguendo e dando por terminada a

audencia, estendeu-me bondosa e affa-

mente a polpuda mão, que a beijeí reve-

nte, dizendo:

—Vá descansado; vou fallar ao Visconde.

Após dias de mortificante e interminavel an-

idade, em que as manhãs tremeluziam como

gas e doiradas esperanças e as noites se succe-

em entre os vagos anseios de uma duvida

oz, recebi, enfim, por intermedio de um an-

famulo do Convento, um simples cartão

visita, em que numa letra minuscula, uni-

me, cheia, de caracteres calligraphicos bem

mes, se lia mais ou menos o seguinte:

O conego... saúda e avisa que na Repara-

ção de Ajudante General se acha a sua resis-

sição para a matricula na Escola Militar.

Compareça lá amanhã sem falta para assentar

seu nome.

—E' desnecessario descrever a alegria com que

recebi essa nova e com que soffreguidão subi

antes escalei os degrãos da escadaria do

Quartel General.

Um tenente de cavallaria, de um bello porte

soldado, largo e bem cuidado cavagnac,

ido, gentil, de maneiras amaveis, me recebeu.

depois de ter verificado que meu nome se

ava lançado no officio da Escola, despachou-

para o 2.º Regimento de Artilharia a Ca-

lo.

Essa antiga unidade do exercito occupava pre-

mente a metade do vasto edificio de con-

strução aligeirada, oriunda da adaptação de um

igo *Cortume*, que a primeira administração

itar do conselheiro Junqueira adquirira para

le aquartelar os corpos montados da guarni-

ção da Côrte.

Este grande casarão, que se resentia e ainda

resente, apesar das constantes remodelações

que tem passado, de todos os defeitos e

inconvenientes de uma accommodação inadequa-

das militares, estendia-se por todo o quartel-

comprehendido pelas ruas da Feira, Imper-

ador e praia de S. Christovam (proximo dos

carros) e rua do Cortume.

As faces desse extenso parallelogrammo eram

circumdadas por um terreno ou pateo interno

fechado por um gradil (excepto pela rua do

Cortume) de ferro, chumbado a um baldrão

de granito, tendo como unicas soluções de con-

tinuidade dous largos portões de ferro.

Transpostos esses portões externos, dos quaes

um dava para a praia de S. Christovam (fuer

principal do edificio) e outro, para a rua do

Imperador, reservado exclusivamente á serven-

tia dos officiaes, vencido o pateo interno, depa-

rava-se com outros dous portões rasgados no

proprio corpo do edificio e parallelamente aos

externos.

Pela lei do menor esforço entrei pelo do

rua do Imperador.

A' direita do edificio, alojava-se a capella

do regimento, onde aos domingos e dias santos

toda a unidade assistia ao sacrificio da missa

celebrada pelo respectivo capellão; á esquerda,

se localisavam a secretaria, a casa da ordem e

o gabinete do commando.

Na soleira da porta da casa da ordem, que

olhava para o pateo interno, onde umas velhas

árvores proporcionavam sombras accomodati-

cias, agachado em X como um chinês, de co-

cas, um tenente empunhava uma cuia com guar-

nições de metal branco, e envolta num guarda-

napo branco com barras azues.

Uma bomba igualmente de metal branco mer-

gulhava inteira num liquido esverdeado, bojan-

do espuma á superficie, que elle sorvia em deli-

ciosos goles.

Junto a elle, em respeitosa distancia, um sol-

dado sustentava em uma das mãos uma pequena

chaleira de ferro com agua quente.

Era o ajudante do regimento que saboreava

o seu habitual matte-chimarrão.

Apresentei-me ao referido official, que se

mantendo na mesma posição chinesa, apenas se

dignou erguer a cabeça e indicar-me com o po-

llegar da mão esquerda um sargento que, repol-

treado numa cadeira, parecia absorto na leitura

de uns papeis.

De cabeça baixa, sem alçar os olhos, resmun-

gou algumas palavras desconexas e alteando o

diapasão de sua voz altitiroante, bradou, ou an-

tes, vociferou:

—E' mais um doutor. Todos os annos é isso

que se vê: doutores e mais doutores. D'aqui a

tres mezes voltam esses diaboos da Escola com

uma mão atraz, outra adiante, para o páo furado.

Era o *brigada* que assim fallava.

Esse *brigada*, ultimo rebento da raça dos tra-

quejados de officio, era de estatura acima da

normal, um tanto *amorenado*, magro, hombros en-

colhidos, côr macillenta, complexão franzina, ver-

dadeiro specimen de futuro tuberculoso.

Como todo *brigada*, que se presava, pos-

sua a energia innata, peculiar aos que vêm

seus actos, por mais attrabiliarios que sejam,

apoiados, homologados por seus superiores

hierarchicos pelo falso principio da manutenção

da disciplina a todo transe, mesmo pelos pro-

cessos os mais repulsivos.

Era no regimento uma verdadeira *potencia*,

o terror dos sargentos, o pavor dos cabos, o

assombramento dos soldados e dos recrutas.

Tinha uma singular idiosyncrasya pelos offi-

ciaes de *curso* (nesse tempo a artilharia possuia

algumas dezenas de officiaes sem curso da arma);

toda vez que ao regimento se apresentavam

rapazes com destino á Escola, todo seu ser se

itava numa colera macabra, irrompia em improperios, proferia palavras descortezes, em que expressão *doutor* lhe irrompia ironicamente os labios, resabando a fel.

E, se porventura, um pobre alumno, por circunstancias varias, volvia ao regimento, então, *brigada* antegosava a suprema delicia de dar pãnsão aos seus *delicados* sentimentos affectivos.

O pobre *diabo* era escalado para tudo: guarda, neraes, plantão, ronda, até faxina; quasi sempre dobrava no serviço sob pretexto de falta de assoal.

Fui mais tarde uma das suas victimas.

Um dia bati de novo ás portas do regimento, simplificado na *pratica* de *cavallaria*, por umas *extravagancias* tão communs na vida escolar, volvi á fileira. Já com o curso de infantaria e cavallaria, simples soldado, me coube por sorte um funeral. De *gurião* de couro á beca, de espadagão á cinta, sob um sol ardentio de janeiro, montado num dos cofres de uma viatura-peça, sacolejando as visceras, triando, moendo os ossos, em solavancos mil, percorri a longa distancia mal empedrada de Christovam á Botafogo e vice-versa.

Quando regresssei, suarento, coberto de pó, jo moido, o *brigada* rejubilava-se de goso.

— Então caboclo, que tal a *sovacada*? disse-lhe elle sorridente, esfregando as mãos.

Volvamos á nossa narrativa, interrompida pela apresentação no tablado das nossas *Reminiscencias* de um *brigada*, typo classico, producto genuino de uma época que felizmente passou, mas cujos effeitos bem de perto senti...

— Vá para alli, disse elle, em altos gritos, apontando-me para um grupo de seis rapazes que geralmente se destinavam á Escola.

— Sargento X... escreva, ordenou elle a um militar, que numa outra mesa examinava attentamente uns mappas, o mappa diario, talvez. E um tanto irascivel, um tanto nervoso ou, como hoje se diz, amenisando os termos, um tanto *neurasthenico*, começou a submeter-me a um ligeiro interrogatorio:

— Como se chama? filho de quem, natural onde, estado, profissão?

— Estudante, titubeci.

— Qual estudante! Estudante é profissão? Vabundo é que é. Sargento escreva: *profissão nenhuma*.

E dardejando sobre mim um desses olhares escgos, inflammados de odio, proseguiu:

— Cór branca, cabellos castanhos escuros, olhos ardidos...

E num largo gesto ordenou:

— Sargento tome a altura desse *sujeito*.

Ergueu-se automaticamente o sargento, fez-me abrir a um pequeno estrado de madeira, onde perpendicularmente se emperdigava uma longa régua de madeira graduada, em cujo limbo docemente deslizava um pesado cursor, tambem de madeira.

O sargento fez correr o cursor com toda a força sobre minha cabeça, mas o choque foi em parte amortecido pelos meus cabellos.

Em seguida leu em voz alta:

— Um metro e setenta centimetros.

Por igual interrogatorio e identicas formalidade tinham anteriormente passado os seis moços, que se tornaram meus collegas, e dos quaes só

resta um, cuja amisade avaramente conservo, como no relicario do coração religiosamente se guardam as deliciosas recordações da mocidade.

— Prompto, seu tenente, disse o *brigada*. Só falta o juramento da bandeira.

O ajudante, depois de ter esgottado, escorrupichado, toda a agua contida na chaleira e renovado a herva por uma ou duas vezes, muito calma e pachorrentamente, se levantou e nos conduziu ao gabinete do commandante.

Ahi sobre uma mesa solemnemente erguida num estrado de madeira dormitava tranquillo e descuidado um velho e desconjunctado «Dictionario portuguez de Moraes» que, na ausencia de outros livros sagrados, ia representar o magno papel dos «*Santos Evangelhos*».

Fechadas, mudas, immoveis jaziam as suas amarrelcidas e descozidas folhas pelo uso; encerradas todas, dentro de uma rigida capa de encadernação portugueza, por cujos bordos vomitavam fragmentos de papelão, como se de seu bojo do ventre lhe tivesse a estirpado os intestinos.

Sobre esta capa estendemos espalmada a mão direita, emquanto com a esquerda seguravamos um esfarrapado estandarte, cujas *miserias* uma capa de oleado preto sollicitamente escondia, e em cuja haste de madeira forrada de veludo verde, um galão d'oiro velho subia do conto até a haste de uma lança de prata, como as plantas sarmentosas e trepadeiras se enrolam, trepam, alcançam os mais altos muros.

E abrindo o *Formulario*, o tenente foi lendo pausada e demoradamente os celebres *artigos de guerra* do não menos celebre *Conde de Lippe*.

E toda vez que aos seus labios saltitavam os *arcabuzamentos*, os *julizamentos*, os *enforcamentos*, sublinhava maliciosamente a expressão para vêr o effeito que taes termos sanguinarios produziam em nosso espirito de recrutas bissonhos.

De uma feita o vi com um sorriso, especie de motejo, a brincar-lhe na commissura dos labios.

Em seguida repetimos em conjuncto a formula do juramento ditado pelo tenente sobre o velho e carunchoso *Dictionario de Moraes*, erguido momentaneamente á altura cyclopica de *livro sagrado*.

E assim por uma ficção ficámos jungidos, chumbados a um compromisso de derrarmos o *nosso sangue* até a *ultima gotta*, de immolarmos a nossa existencia até o derradeiro alento pelo *Imperador*, pela *dynastia reinante* e pela Patria.

Restava ainda uma ultima formalidade a preceher: o officio de apresentação.

O tenente secretario rabiscou ligeiramente umas linhas sobre umas tiras de papel liso que um sargento passou a limpo, em largos caracteres calligraphicos, numa ampla folha de papel timbrado que o major fiscal, então presente, assignou na ausencia do tenente coronel commandante.

— Estão despachados, disse-nos sorridente o secretario (um official moço, de bella apparencia, de fino trato social), entregando a um de nós o officio aberto.

E gentilmente nos apertando a mão, accrescentou:

— Sejam felizes, rapazes.

E o tenente ajudante additou:

Voltem doutores, heim.

O alto de sua cathedra, rijo, espectral, como esplunge, o brigada vociferou: Qual doutor, queira doutor; o pau furado aqui fica os rando.

Assim me fiz ou me fizeram soldado... quando decorridos quatro decennios, volto os olhos sobre o passado, e vejo minhas esperanças mortas, meus sonhos desfeitos. minhas lições em plena decadencia, minha carreira tar em franca fallencia, tenho, apesar de saudades, saudades infindas desses tempos se foram, periodo aureo de minha mocidade em que os meus ideaes corriam velozes e doidas e doçadas esperanças, que se calavam numa confiança profunda, cristalizando-na fé que escala montanhas.

Coronel Lobo Vianna.

Uma importante palestra com o general Gamelin

Tarefa da Missão Franceza — A revisão dos nossos regulamentos militares — A harmonia de vistas da Missão com o nosso Estado Maior

(Transcripto do «O Paiz» de 20. 2. 20).

O illustre militar é de uma gentileza captivante e, dispondo-se logo a attender-nos, conludou-nos a sentar a seu lado, e nos disse, então: «A tarefa da missão militar franceza é um trabalho de grande folego. Costumamos dizer na França que para construir um edificio duravel, se não póde prescindir de tempo. Aos nossos camaradas brasileiros pedimos que esperem, com paciencia, para julgarem pelos resultados. Sabidos da grande guerra, antes do mais, somos «realistas»; preocupados, não em discutir theorias que, para nós, agora estão solidamente estabelecidas, mas de pô-las em pratica. Embora permanecendo fieis ao nosso desejo em latino de «generalização é clareza», temos culto da «acção».

Esperaí, pois, que o anno de 1920 seja para nós um periodo de «regularização de treino». Lembrei-me que eu digo «regularização de treino» e não «ensaios». Cheguei ao Brazil ha quasi um anno; conheço, portanto, vosso exercito. Expuz o ministro da guerra, numa serie de relatorios, as medidas ao meu parecer dignas de realizar a obra que a confiança do governo brasileiro nos commetteu. Sei que estou inteiramente de accordo, em todos os pontos, com o vosso eminente chefe de estado-maior Bento Ribeiro, cuja alta experiencia e affectuoso apoio hei apreciado em circumstancias diversas.

Agora, trata-se, por consequente, de «realizar». Convencido estou de que, a partir do anno proximo, começareis a medir o caminho percorrido, e 1921 ver-nos-á em «plena realização».

— Mas, isto irá aos poucos... aventuramos.

— Sim, e eu insisto, neste ponto: a adaptação do exercito brasileiro ás condições da guerra moderna não será feita pelo «toque da vara magica de uma fada», por mais apto que seja vosso corpo de officiaes em receber as lições da experiencia e bem aproveitá-las. Muito influirá o aperfeiçoamento dos methodos, não ha duvida; mas a transformação de vosso exercito será tambem uma consequencia do desenvolvimento dos materiaes modernos. E' preciso escolher estes materiaes; é preciso adquiril-os; é preciso, em seguida, que os executantes aprendam a utilisal-os. Penso que não deveis contentar-vos em adoptar os materiaes «taes» como serviram durante a campanha.

— V. Ex. acha, então, que mesmo após a guerra o material bellico tem evoluído?

— Precisamente. Resolvidos a dispendir o que a questão exige, é logico trabalhar pelo futuro, e ter em todos os dominios o «ultimo modelo». Isto é, materiaes resultantes dos ultimos ensinamentos da guerra e dos ultimos aperfeiçoamentos da industria. Indispensavel torna-se, além disso, que sejam adaptaveis ás condições particulares de vossos theatros de operações possíveis.

Vede que o problema não é tão simples como parece *a priori*; por querer andar muito ás pressas arriscar-se-iam dissabores.

— E, quanto aos regulamentos?

— Sobre a questão dos regulamentos ficamos immediatamente de accordo com o ministro da guerra e o chefe do estado-maior sobre a necessidade da respectiva revisão desde já. Eu mesmo solicitei a collaboração de numerosos officiaes brasileiros, escolhidos pelo vosso estado-maior, entre os mais aptos a prestar-nos o concurso necessario. Não se trata de discutir a doutrina de guerra: é a de Napoleão, de Joffre, de Foch; mas tambem, com pequenas differenças, a de Moltke ou de Ludendorff. Não vejo quem dentre nós pensaria em reavival-a.

Tambem não se trata de discutir, em seu conjunto, os processos de combate que as lições da experiencia nos impuzeram; francezes e allemães, diante das mesmas necessidades, chegaram ás mesmas soluções. A «lição dos factos» ahí está; ha coisas que ninguem, entre os exercitos belligerantes, discutiria mais.

Trouxe uma porção de instrucções tacticas dadas durante a guerra do lado francez e do lado allemão: assemelham-se extraordinariamente. Contem, pois, uma «verdade» passageira porque corresponde a um estado determinado dos progressos do armamento; mas uma «verdade» mesmo assim, diante da qual os olhos não podem deixar de se abrir.

Todavia, estes «processos» devem ser applicados, no caso particular do exercito brasileiro, tendo em vista seus terrenos de acção eventuaes, condições de clima, systema de communicações, etc. Portanto, a elaboração de vossos regulamentos só pôde ser uma collaboração: nós vos trazemos as «lições de nossos grandes mestres», os vencedores de hontem, e ainda as «lições dos factos» que supportamos; vós accrescentareis vossas tradições nacionaes, vossa experiencia propria ás vossas condições particulares.

No dominio dos regulamentos, como nos outros, não podemos construir «de improviso» uma obra definitiva. O que chamamos nós «instrucções para a conducta das grandes unidades», e que é nosso verdadeiro corpo de doutrina, não existe aqui. Alguns são inspirados mais ou menos em regulamentos allemães ou francezes de antes da guerra: não consignam as modificações effectuadas durante a campanha, porque, naturalmente, estas modificações conservaram, até hoje, o character de documentos secretos. Certos podem, desde já, ser revistos, porque são independentes, no conjuncto, de alguns progressos a realizar no armamento; outros, ao contrario, dependem essencialmente do armamento que ides adoptar.

Esperai, por conseguinte, atravessar um periodo analogo ao que transpuzemos desde o inicio da campanha. Partimos para a guerra com um conjuncto de regulamentos semelhantes e um armamento semelhante ao que tendes hoje; fomos obrigados a modificá-los progressivamente em consequencia da experiencia adquirida ou do aperfeiçoamento do armamento. No Brasil, nada temos a hesitar; porque a experiencia vol-a trazemos ao desempenhar precisamente o nosso papel; e, no dominio do armamento, aproximadamente sabemos para onde vamos. Mas, com um programma bem definido que vamos ultimar em harmonia com o vosso estado-maior, só podemos agir por etapas successivas, de conformidade com a transformação effectiva de vosso armamento e o cuidado de perturbar o menos possivel a instrucção da tropa.

Eis ahi, em grandes linhas, o resultado de minhas conversações com os chefes responsaveis de vosso exercito. Para nós, filhos de uma democracia onde temos a pratica de uma disciplina firme, mas livremente consentida, não queremos aqui «impôr», mas «convencer» e «adaptar». E' por isso que estamos certos de marchar em accôrdo perfeito com os nossos camaradas do exercito brasileiro.

O que podeis esperar de nós não são «theorias» novas ou brilhantes, susceptiveis de tudo revolucionar, arriscando consequentemente tudo

destruir, sem certeza de reconstruir; mas «realizações» que só podem nascer de nossa collaboração, de nosso esforço commum e continuo.

Psychologia militar

Unidade de doutrina

Em que peze aos muitos theóricos que ainda pululam no nosso exercito, o official é antes de tudo um conductor de homens. Assim sendo, um conjuncto de homens constituindo uma multidão, psychologicamente fallando, necessita o official desde que assumiu a chefia da sua unidade, conhecer o espirito de que a mesma está imbuída, bem como os sentimentos que a agitam, para que bem possa commanda-la.

De varios paizes, com intermitencia relativa surgem officiaes de reconhecido valor, solicitando insistentemente para as suas patrias a criação de um sentimento forte, varonil, pouco importando sua especie, capaz de reunir estes homens por um laço mais forte que o prestigio do chefe que commanda a unidade.

Com especialidade na guerra é mister que os homens marchem, sentindo-se apoiados physica e moralmente sobretudo, por todos os lados, cheios sempre da mais absoluta confiança no chefe, de quem depende a vida delles; só assim se alcançará delles o que fór necessario, mesmo o sacrificio da vida.

A razão de ser disso evidencia-se por si propria. Um exercito levantado da noite para o dia, lançando-se para isso mão de todos os recursos, como forçosamente será o nosso se não evoluirmos do actual estado de coisas, terá o seu elemento homem inevitavelmente heterogeneo, já pela intelligencia, já pela educação (basta-nos por isso saber que infelizmente a grande maioria dos nossos compatriotas é de analphabetos).

Claro está, porém, que a falta de homogeneidade destes factores, não acarreta o mesmo quanto aos sentimentos, instinctos e paixões (G. Le Bon — Psychologie des Foules), porquanto a differença de character entre um sapateiro e um intellectual é infima, e nós bem sabemos que o elemento principal no soldado é o character!

Ora, sabendo-se a poderosa influencia

que os chefes exercem sobre a tropa, é vivo que estando esta em um estado de receptividade psychica, profundo, ella agirá portanto reflexamente, e isto porque «esta tropa está perante seu chefe como um navio sem governo» (Campeão - Psychologie Militaire).

Entretanto se estes homens estiverem agitados por um sentimento qualquer, forte, já não mais agirão reflexamente e sem conscientemente. Se o chefe não anasir e chegar a conhecer perfeitamente os sentimentos de sua tropa, seu modo de agir torna-o á mal visto pelos seus commandados, e não poucas vezes ridicularizado; perdido o prestigio, e para isso muita vez basta apenas um gesto, nunca mais este chefe obterá de sua tropa sacrificios de qualquer especie.

Si Napoleão não soubesse quaes eram os sentimentos heroicos que agitavam os seitos francezes da sua época, si não tivesse a certeza que a noção mais elevada então, desde o aristocrata ao burguez, era honra, não teria por certo conseguido executar a marcha triumphal que fez pela Europa acenando apenas aos seus bravos *crognards* com a «legião de honra»!... Acreditaes que se elle mostrasse aos seus «soudarts» os estandartes dos cruzados elles conquistariam a Europa? Creio que nos seus labios erraria o mesmo sorriso ironico que nos dos soldados de Anibal, se se mostrasse uma condecoração qualquer como premio á conquista de Roma!

Compulsando a Historia, a excelsa mestra, chega-se á conclusão de que sempre que um povo attingia um alto gráo de civilisação, naturalmente compativel com a sua época, era porque um sentimento nobre e forte, dominava este povo, originando dahi o elemento unico da grandeza de um paiz: a unidade de doutrina.

A especie do sentimento pouco importa, é preciso apenas que elle seja capaz de empolgar todo um povo, toda uma raça, é preciso que seja masculino, senão, fraco, poderoso; assim foram os sentimentos que dominaram os grandes povos desde Roma até a Allemanha de hontem!

Foi comprehendendo a necessidade da unidade de doutrina, que Felipe II entrevio a grandeza do seu poderio e para attingil-a lançou mão do sentimento religioso então predominante; presa por este laço vigoroso conseguiu a Hespanha

alçar-se aos pinaculos da gloria em Lepanto e Saint Quentin, onde ficou evidenciado o valor da sua marinha e sobredito do seu exercito.

O rigor de Felipe II chegava a ponto de considerar crime de lesa magestade a transgressão á unidade de doutrina, isto é, do sentimento religioso; foi por isso que a Hespanha foi grande, magnifica, foi por isso que conquistou mundos e encheu de ouro puro galeões sem conta durante quasi meio seculo, que tanto foi o seu dominio.

A prova mais cabal de que era o sentimento religioso o causador da unidade de doutrina na Hespanha, é que ella só poudo ser vencida por outra nação em identidade de condições; a Hollanda só conseguiu abater o seu poderio e conservar-se independente, prosperando a passos gigantes, quando o sentimento religioso produziu nella os mesmos efeitos que na sua rival.

Vencida a Hespanha catholica, ergue-se a Hollanda protestante, em pouco conquistando o mundo como sua antecessora.

A França só nos mostra toda a pujança do seu povo, toda a heroicidade de que é capaz quando o sentimento patriótico é incapaz quando o sentimento patriótico dominando todos os corações attea de ao appelo: «A patria está em perigo!»

Dumouriez e Napoleão escrevem agilvazes de sabre e pontações de lança toda uma epopéa de victorias: Valmy! Jemappes! Wagram! Austerlitz! E tudo isto porque havia unidade de doutrina, enfeixada em um sentimento.

A Allemanha de hontem, essa heroica Germania, que durante quasi um seculo manteve a liderança militar do mundo deve-o unicamente ao ponderoso e nobilissimo sentimento militar diffundido por todas as classes sociaes, já pelo mestre escola, já pela imprensa; nascido em Jena assistio elle á evolução crescente da Allemanha, passando por Sadowa, Sedan, Charleroi, Mons e Lagos Masurios.

Vemos assim diversos sentimentos, originando a unidade de doutrina, factor unico da grandeza de um paiz.

Analysando o nosso paiz, é pezaroso que o affirmo, infelizmente entre nós não perdura sentimento de especie alguma; urge que despertemos um qualquer delles.

O que porém é innegavel é que o unico laço que ainda liga as afastadas regiões de nossa patria, são as forças

armadas; isto serve de prova a um conceito de Napoleão, que diz: «São os militares que fazem as republicas e são elles que as sustentam!»

Ora, se é assim, temos um terço do caminho andado para attingir um dos altos: o sentimento militar, ponto de convergencia e de irradiação de todos os outros sentimentos.

Além de que é tão facil creia-se! Parece-me estar vendo em vossas faces um ar sceptico ante tanto optimismo; é que ainda não vos lembrastes da alavanca poderosa que é a imprensa entre nós. Aqui com raras excepções, todos pensam e agem segundo ella, apenas por preguiça intellectual.

Todos os homens assemelhando-se pelo character (Sevett Mardeu — La voluntad), é facil tocar-se-lhes o sentimento.

Attingido nosso objectivo, veremos os milhões de brasileiros unidos por este laço poderoso, pulsando em unisono todos os corações, num esforço masculino emprenderem um surto vigoroso para a liderança do mundo, facil de obter depois de conseguida a unidade de doutrina, como o prova a Historia.

Sejamos homens! Enfrentemos o problema com a convicção do forte que sabe que deve e que vai vencer! Dedicuemos a esta causa todas as nossas forças e o melhor dos nossos esforços, toda a nossa intelligencia e boa vontade!

Rio, 9-9-1919.

Aspte. a off. de art. *Lysias A. Rodrigues.*

O terreno e o commando das tropas

De um livro do coronel von Hagen, traduzido pelo capitão J. E. Pfeil.

«Todo combate apresenta uma physionomia particular, resultante dos objectos do terreno em que elle se trava, si bem que não mudem por isso os principios geraes do combate.»

Meckel.

Introducção

a) *Da acção reciproca entre terreno e emprego de tropas.*

Terreno e emprego de tropas se influenciam mutuamente e exercem constante acção reciproca.

A tropa age sempre sob a influencia do terreno; não raramente ella se submeterá mesmo á sua acção incondicional.

O ataque de infantaria dirigido atravez da planicie desabrigada fracassa infructifero; em terreno coberto elle pôde ser corôado de successo, com perdas insignificantes.

O terreno unido e aberto eleva a carga da cavallaria ao choque aniquilador, ao passo que um ataque lançado com não menor impulso esbarra completamente n'um corte de terreno.

Um campo de tiro livre proporciona á artilharia uma acção decisiva no combate; um campo de tiro limitado reduz seu rendimento a um valor pouco apreciavel.

Inversamente, a influencia da tropa sobre o terreno é mediata ou immediata: aqui eleva ella, mediante obras artificiaes, a capacidade defensiva do terreno quasi á potencia de uma fortaleza; alli abre ao atacante o accesso a uma posição inexpugnável.

Em resumo, por toda parte onde se realisam operações militares se destaca com toda a evidencia a influencia reciproca entre tropa e terreno.

O commando de tropas não só deve aceitar essa dependencia como tomal-a em consideração em todas as suas resoluções como um factor importante e, em certas circumstancias, decisivo: menosprezar essa influencia se traduzirá em elevadas perdas; ligar-lhe demasiada importancia terá como consequencia insuccessos permanentes. Collocando-se n'um ponto de vista médio o commando dominará as circumstancias de terreno e tirará dellas partido.

O terreno no serviço do commando de tropas representa mais um seguro meio de vencer.

b) *Da importancia do reconhecimento do terreno*

A carta offerece ao commandante uma imagem do scenario em que elle quer ou é obrigado a operar.

Apezar d'isso será sempre necessario completar mediante reconhecimento a imagem cartographica, mais ou menos deficiente.

O commandante emprehenderá elle mesmo esse serviço; é isso o melhor, da mesma fôrma que o esclarecimento do inimigo pelo commandante constitue o ideal desse reconhecimento.

Nada substitue para elle a inspecção pessoal e as conclusões immediatas d'ahi resultantes.

impedido por outras obrigações, elle fiará o reconhecimento a officiaes apropriados.

Muitas vezes será possível combinar o reconhecimento do terreno com o do inimigo.

Reconhecimentos especiaes, referentes a profundidade de aguas, densidade de matas, etc., são não só desejaveis como essencialmente necessarios. Na sua execução deve o official proceder com o mesmo cuidado e consciencia empregados no esclarecimento do inimigo.

Quanto mais clara a imagem do terreno dada, pessoalmente, pelo commandante mediante reconhecimento ordenado, e quanto mais adequadas resultarão indubitavelmente suas disposições tacticas, mais efficazes serão as missões no reconhecimento do terreno e tanto mais sensiveis como o esclarecimento completo do adversario.

c) Objectivo dos themas.

Os themas que se seguem destinam-se a indicar um caminho apropriado não só para a educação individual como á pratica do reconhecimento.

O methodo escolhido não se poudé evitar repetições na exposição, pois foi essencialmente necessario exprimir aqui o trabalho preparatorio das reflexões do commandante encarregado do reconhecimento.

Essencialmente póde realizar um reconhecimento util o official que conhece a influencia do terreno, de cada uma de suas partes e de cada forma isolada sobre o emprego das tropas.

O official precisa, por assim dizer, sentir immediatamente como cada particularidade do terreno exerce sua influencia sobre a utilização da tropa, tanto de modo geral como em cada caso particular. Por esse motivo serão os themas precedidos de considerações geraes e do estabelecimento das condições tacticas ordinarias.

O desempenho dos diversos themas deve ser adequado ao seu curso real e tactico. O resultado do reconhecimento deve ser expresso e encerrado por meio de um relatório verbal ou escripto ou de participação.

Assim deverá este methodo do desempenho nos exercicios de reconhecimento de terreno trazer vantagens para a parte importante do commando das tropas, mostrando como o terreno é utilisado ao seu serviço.

II

Themas e Soluções (*)

1.º Thema:

Reconhecimento de uma posição defensiva.

A) *Generalidades sobre as condições que o commando, na defesa, exige do terreno.*

A essencia da defesa consiste em repeller a decisão planejada pelo ataque.

A defesa quer ou impedir completamente essa decisão ou retardal-a tanto que possa pelas circumstancias (chegada de reforços, situações favoraveis de combate) passar por sua vez a um contra-ataque decisivo.

No primeiro caso temos a defensiva pura ou incondicional (passiva) tal como ella se manifesta em sua mais nitida forma nas acções de retaguarda. A luta revestese de um caracter essencialmente dilatatorio.

No outro caso temos a defensiva condicional, transitoria (activa) a qual tem lugar nas acções de vanguarda, nas batalhas defensivas, etc. A luta se transforma de temporisante em decisiva.

A defensiva conta sempre especialmente com o auxilio do terreno pois por meio d'elle quer ella assim compensar outros pontos fracos (inferioridade numerica ou moral).

Segundo a situação tactica as condições do terreno serão gradativamente variaveis, porém fundamentalmente as mesmas.

N'uma retaguarda, por exemplo, corresponde na maioria dos casos á situação tactica e defesa passiva um obstaculo absoluto na frente e nos flancos.

Da mesma forma um obstaculo frontal e apoio dos flancos constituem uma exigencia da defensiva activa com a restricção, porém, que isso não impeça o contra-ataque.

Para o reconhecimento que tem em vista a escolha de uma posição defensiva serão as condições a que deve satisfazer o terreno, em sua essencia, sempre as mesmas.

Compete ao encarregado do reconhecimento modifical-as segundo o thema tactico, decisivo em cada caso particular.

(*) Carta de Metz: 1:100.000.

N. da R. — Serve a mesma dos themas de Griepenkerl.

Essas condições são as seguintes:

1.º — Na frente

a) Situação dominante em relação ao campo de ataque, vistas sobre disposições inimigas (contra-medidas opportunas).

b) Campo de tiro livre nas distancias efficazes da artilharia (observação) e infantaria.

c) Obstaculo frontal: para a defensiva passiva — absoluto; para a defensiva activa — conformado ás intenções do ataque.

2.º — Nos flancos:

a) Terreno impraticavel como protecção dos flancos ou

b) Ponto de apoio, ou

c) Campo de tiro efficaz para artilharia (observação) e infantaria.

3.º — Na posição:

a) Espaço correspondente ao effectivo da torça.

b) Posição para a infantaria na frente da artilharia, ambas cobertas.

c) Praticabilidade.

d) Pontos de apoio e reductos.

e) Cobertura para as tropas de reserva.

4.º — Na retaguarda:

a) Praticabilidade e cobertura.

b) Posição de acolhimento cerca de 3 Km. atrás.

c) Estrada para a retirada, normal á posição.

B. Thema.

Um destacamento azul (4 batl. inf.; 2 esq.; 3 bat.; 1 comp. sap.) em marcha de Monneren (cerca de 9 Km. a leste de Inglingen) contra a Mosela, recebe ao chegar a ponta da infantaria a 2 km. de Inglingen, a noticia de que um inimigo, numericamente superior, segundo parece, transpõe a Mosela em Ukingen.

O commandante do destacamento resolve oppor-se com tenacidade a um ataque entre Kanner-Bach e Bibisch-Bach (1).

— Que apreciação faz do terreno em questão o official expedido com o fim de reconhecê-lo; que posição escolhe?

A apreciação deve ser apresentada em forma de relatorio escripto.

Recommenda-se que o thema seja tambem acompanhado na folha Diedenhofen (n.º 3535) 1:25000 (2).

(1) Bach significa arroio.

(2) A folha mencionada não acompanha o livro do autor.

Desenvolvimento

Escolha do caminho, considerações tacticas, inspecção geral do terreno.

O official incumbido do reconhecimento medita antes de tudo sobre o caminho que elle pensa seguir no seu desempenho.

O objectivo mais proximo é aqui, a altura 262.

Grande influencia tem a escolha do caminho. N'essas condições será de muita utilidade, mesmo nas soluções pela carta, determinar bem o caminho que se tomaria no caso real e segui-lo na execução.

Ao mesmo tempo que o official segue para a altura 262, atravessa Inglingen e observa a localidade, a ponte sobre o arroio Kanner e o proprio arroio, elle recapitula a situação tactica do destacamento:

Este pretende se oppor tenazmente entre os arroios Kanner e Bibisch a um inimigo numericamente superior, esperado na direcção de Ukingen.

Por essa razão consistirá a missão do official incumbido do reconhecimento em escolher um terreno que facilite, tanto quanto possivel, esse plano, que ao mesmo tempo compense o mais tactivamente a superioridade numerica do inimigo e que em espaço corresponda á força do destacamento.

O official calculou que a frente da posição não deve exceder de 800 m.

Durante estas cogitações o official, seguindo a estrada, subio a forte encosta do Kanner-Bach e alcançou a altura 262. Aqui tem elle diante dos olhos um vasto panorama.

O terreno pelo qual se fará provavelmente a marcha de approximação do inimigo, se desdobra diante d'elle. A encosta occidental completamente descoberta e inclinada quasi uniformemente para o arroio Bibisch permite golpe de vista illimitado até o encaixe do mesmo arroio.

Ao oeste do arroio Bibisch ha vistas livres até por cima da aldeia Stükingen e com o binoculo se pôde seguir a estrada até a Mosela, comquanto a cobertura do matto só aqui ou alli permita a inspecção do terreno adjacente.

O exame geral do terreno, completando a apreciação feita na carta, leva o official á conclusão de que não existe uma posição frontal com forte obstaculo pela frente e bem apoiada nos flancos como é

esejavel para uma defeza tenaz. Mas tambem o commandante do destacamento não prescreveu que a posição seja frontal; pois necessario examinar si não se achará uma posição de flanco. Isso é autorisado pela circumstancia do destacamento se achar em territorio patrio (maior segurança para as ligações).

Em virtude do pouco tempo disponivel, esta questão deve ficar resolvida desde logo na altura 262 para que, depois de deixal-a o official possa avançar sem perda de tempo.

Uma posição de flanco com a esquerda a altura 262, e a direita mais ou menos em K. O. (3) junto á estrada Waldesdorf-Diesdorf não encontra apoio no terreno.

Mesmo a mais importante hypothese de se achar fortemente apoiado o flanco (direito) voltado para o inimigo, não se critica.

Quizesse se realizar tal hypothese, mesmo em fraca proporção, apoiando a posição no arroio Bibisch, as circumstancias relativas á retaguarda já de si desfavoraveis se aggravariam com o facto de se retirar o destacamento a Mosela pelas costas, situação digna de muita consideração para uma força numericamente inferior.

Esta objecção cresceria ainda com a procura de uma posição de flanco, mais ao norte.

Ao sul da estrada as cousas se apresentam mais favoraveis.

O terreno á retaguarda não offerece difficuldades.

Além d'isso ha a circumstancia favoravel na que a estrada Inlingen-Metzerwiese facilita o accesso á posição, a qual teria para extremo direito a altura 251 (25000 251,3) e para esquerdo a aldeia Metzerwiesen.

Acontece, porém, que o flanco ameaçado (esquerdo) não é sufficientemente forte para impedir que «o inimigo tome a diagonal e por alli flanqueie a posição» (4).

Depois que o official chega á conclusão de que as condições topographicas não auto-sam a escolha de uma posição de flanco, dirige elle sua attenção para o terreno no qual o destacamento deve se apresentar de frente para léste.

(Continúa)

O OBSERVADOR EM AVIÃO

Ao passo que as proezas dos pilotos de aeroplanos, durante a guerra, tiveram grande publicidade e bastante contribuíram para o reconhecimento da nova «arma», o trabalho do observador foi conservado na sombra, só d'elle tendo sciencia os interessados na conducta e desenvolvimento das operações. Ainda hoje, penso, será para muitos uma surpresa a affirmativa de que a organização de um nucleo efficiente de observadores tem tanta importancia como a formação dos pilotos.

Esta ignorancia dos seus serviços é uma das causas que fazem o trabalho de observação em avião uma tarefa ingrata; entretanto, se exceptuarmos a aviação de caça, em que pilotos de capacidade excepcional se distinguem individualmente no vôo de machinas especialmente construídas para o combate, em todos os outros ramos da aviação o observador é o commandante, o cerebro do aeroplano, sendo dada ao piloto a funcção puramente mechanica da manutenção do equilibrio no ar e governo do motor.

Esta é a razão pela qual, em certos serviços aereos, especialmente no francez, tanta importancia é dada ao observador, que é sempre um official, ao passo que o piloto é na maior parte dos casos uma praça de pré-t.

O unico serviço aereo que d'isso faz excepção é o inglez, onde o piloto militar é commissionado em 2.º tenente, ao obter o brevet; entretanto, os proprios inglezes reconhecem a inconveniencia d'este systema e explicam que elle foi adoptado para facilitar o recrutamento dos cadetes aereos durante a guerra, e fazer que os jovens das escolas, filhos de familias ricas e possuindo relativa instrucção preliminar, voluntariassem para a Royal Air Force de preferencia a se matricularem nas escolas do exercito e da marinha, onde a obtenção do galão só é conseguida depois de annos de estudo.

E' verdade tambem, que a R. A. F., ingleza, é uma das anomalias creadas pela guerra e que fatalmente será modificada, desapparecendo seus «Air-Marshals», «Marshals of the Air», Air-Commodores, etc., postos sem commando e sem funcção, quando o bom senso voltar a predominar e a organização militar ingleza fôr revista.

(3) K. O. significa forno de cal, caxeira, calera.

(4) Moltke «Themas tacticos».

O preparo tecnico do observador é um dos mais complexos possiveis; além das qualidades de resistencia e perfeição physicas indispensaveis a todo piloto, elle deve possuir um preliminar e profundo conhecimento da organização das diversas armas, tactica e estrategia. O observador ideal seria um official de Estado Maior, mas infelizmente estes em geral passam da idade em que o organismo se adapta ás sensações do vôo e resiste com successo ás manobras aereas, desagradaveis, algumas vezes, e fatigantes, sempre. Porque, como o piloto, o observador está sujeito ao que é designado como «Flying Stress», isto é, a usura do organismo pelo vôo continuado, com a perturbação dos systemas nervoso, circulatorio e de respiração. As estatisticas estabelecidas pela R. A. F. publicadas ultimamente, provam que a vida de vôo, isto é, o periodo em que o aviador pôde se considerar perfeito, não passa de quatro a cinco annos, findos os quaes elle deve abandonar, se não de todo, pelo menos o «vôo de guerra», passando a voar em machinas lentas e a pequena altura.

O trabalho do observador comprehende todos os ramos dos serviços aereos, desde a aviação de reconhecimento até a de combate, passando pela de bombardeio e pela de regulação do tiro de artilharia.

O seu treinamento puramente de aviação comprehende: navegação aerea e estudo da compensação da bussola, meteorologia, photographia, telegraphia e telephonia sem fios, tiro de metralhadora e manobra do lançamento de bombas.

Se a isso juntarmos conhecimentos de tactica, estrategia, fortificação, organização das diferentes armas, tiro de artilharia e uma pratica profunda da leitura de mappas, veremos que o preparo de um observador é muito mais complicado que o de um piloto.

Além das qualidades intellectuaes e physicas, deve o observador possuir um temperamento especial, frio; todos os que voaram sabem a differença que ha entre conduzir um aeroplano e d'elle ser passageiro; nesta ultima situação a tensão nervosa é dupla; ha a especie de *vasio* que se sente nas manobras inesperadas e uma desconfiança instinctiva na capacidade do piloto em se «sagar» de uma situação difficil; o observador tem que dominar

este sentimento e entregar-se com confiança ao seu piloto, só se preocupando com sua missão; é tal a differença entre as funcções de guiar e ser guiado no ar, que pilotos experimentados, treinados em multiplos combates aereos, declaram francamente que nunca seriam observadores, porque não teriam *nervo* para isso.

* * *

O treinamento dos observadores está dividido nas differentes especialidades a que elles se dedicarão; uma organização numerosa pôde se dar ao luxo de possuir observadores especializados em um unico serviço, obtendo assim melhor rendimento e perfeição de trabalho; outras, menores e dispondo de pequenos recursos, terão de generalisar a instrução d'elles, fazendo-os servir em todos os ramos do serviço. As partes de navegação, tiro de metralhadora e telegraphia, são communs a todos os observadores, qualquer que seja o ramo a que elles se dediquem depois de promptos.

E' na parte do reconhecimento, a mais importante de todas as funcções exercidas pela aviação, que o papel do observador tem maior campo de acção. Os aviões são os olhos do commando e a não ser em occasiões de nevoeiro baixo, elles conservam o inimigo debaixo de uma vigilancia constante, mantendo por meio de signaes opticos, telegrapho, telephone, photographias e relatorios especiaes, o commandante a par de todos os movimentos passados na zona vigiada.

O reconhecimento pôde ser tactico ou estrategico; o primeiro comprehende o campo de batalha ou theatro de operações; o segundo tem seu campo de acção se extendendo por toda a zona occupada pelo inimigo; este ultimo é feito por machinas especiaes, aptas a se manterem no ar por longo tempo e sahem com um objectivo fixo, determinado pelo Estado Maior ou pelo Commando em Chefe; aquelle, tem como fim a photographia e observação de uma zona limitada e está sujeito a um commando local. Nesta ultima parte, principalmente, o trabalho do observador é, pôde-se dizer, sem limites determinados; elle tudo deve ver; do movimento de um exercito á descoberta de um canhão; tudo o que se passa na sua zona deve ser relatado ou photographado; um trem que traz material, um comboio, o estabelecimento de pontes, a construc-

o de trincheiras, o desmascaramento das *camouflages*, destinadas a illudil-o, tudo interessa ao observador, tudo para elle em importancia. Sua é a responsabilidade por uma informação que pôde custar a vida de milhares de homens e da sua actividade depende muitas vezes o successo de uma manobra.

Sob a protecção dos aviões de caça, pairando acima estão promptos a protegê-lo contra qualquer ataque, elle parte para a sua missão, ou circula sobre sua zona e, enquanto o piloto ziguegueia entre as explosões dos projectis de artilharia anti-aerea, elle photographa, anota, telegrapha ou telephona, sem se lembrar de que a sua vida está a mercê de um tiro feiz, da surpresa de um ataque por um aeroplano inimigo, ou de um esfacelamento do seu piloto.

O successo na guerra sempre dependeu do serviço de informações e este, quando feito por aeroplano, attinge a uma periciação d'antes inimaginavel; o serviço de photographias do front, feito diariamente, permittia que os commandos pudessem acompanhar os movimentos do inimigo, em uma minucia de detalhes desconhecida até a Grande Guerra.

A photographia aerea é hoje o auxiliar indispensavel do E. Maior; nos dias que precederam a offensiva do Somme, houve operações photographicas que tiveram de produzir mais de 4.000 provas diarias e manobras inimigas que escaparam á observação dos aviadores foram descobertas por detalhes de clichés revelados; assim é que a «linha de Hindenburg» foi descoberta em Março de 1917 pelas photographias de uma secção ingleza, tendo então escapado a todas as observações feitas...

Em artigo ulterior tenciono estudar a tecnica da photographia aerea a sua organização nos exercitos belligerantes.

Outro ramo de aviação em que os serviços do observador são de immenso valor é exigem prévio treinamento, longo e perfeito, é o da regulação de tiro de artilharia; para isso um aeroplano é desviado para uma dada bateria e voa sobre o objectivo; á proporção que os disparos são feitos, o observador telegrapha ou telephona o resultado a uma estação receptora que se communica com o director de fogo; os resultados obtidos por este

processo são maravilhosos, não só relativamente á efficacia do fogo como á economia de projectis.

Em uma manhã clara, era commum verem-se no front differentes aeroplanos voando ao mesmo tempo e regulando o fogo de differentes baterias, e a eficiencia dos operadores era tal, que apesar do numero de machinas a enviarem simultaneamente mensagens, elles nunca misturavam os signaes...

Uma das desvantagens da radio-telegraphia aerea é a difficuldade de recepção dos signaes; ao passo que é facil enviar um despacho a uma distancia de 20 ou 30 milhas, é actualmente impossivel, com as machinas em uso, recebel-os de distancias maiores de 2 ou 3 milhas; a causa d'isto é que a terra para o aparelho tem que ser obtida empregando o metal do motor, o que não permite grande raio de acção. Outro inconveniente é o do ruido dos motores que torna difficil ouvir os signaes, principalmente os telephonicos.

Apesar d'estes inconvenientes os serviços prestados pela «aviação de artilharia» podem ser avaliados pelo successo das artilharias alliadas, iniciado quando a interioridade numerica dos aeroplanos allemães começou a se fazer sentir e elles perderam a hegemonia aerea na frente occidental.

Correlata com a regulação do tiro de artilharia e com a de reconhecimento tactico, é a «aviação de ligação»; nesta o serviço do observador consiste em estabelecer a ligação entre o commando na retaguarda e as columnas de assalto ou forças estabelecidas na primeira linha; elle acompanha a infantaria, dá-lhe detalhes sobre as disposições do inimigo, avisa-a do perigo de uma bateria mascarada, de metralhadoras em emboscada e mantem assim o commandante em constante conhecimento do que se passa com suas tropas; algumas vezes, as forças amigas entraquecem; então, rapidamente, descendo como um falcão sobre a preza, o aeroplano restabelece o equilibrio, metralhando o inimigo, ou sobre elle despejando sua reserva de bombas.

O mais novo de todos os serviços, o tank, nada poderia fazer sem o auxilio do aeroplano; pairando sobre os lentos

extranhos engenhos, elle os protege das baterias anti-tanks, e muitos foram assim alvos de destruição; as memorias do Tank-Corps», ultimamente publicadas são cheias de exemplos d'isso e seu autor advoga a ideia da associação de uma secção de aeroplanos a cada secção de tanks.

No serviço de bombardeio, principalmente nos nocturnos, além da manobra do lançador de bombas, compete ao observador a direcção da navegação; elle tem que vigiar a bussola, a carta e o terreno incessantemente; a orientação no ar é quasi que um instincto; de noite, ou quando se navega acima das nuvens, com completa ignorancia do solo, a navegação aerea, apresenta problemas como nunca um capitão de mar teve que resolver; a viagem e talvez a vida, estão limitadas pela reserva de petroleo, e um descuido, um vento forte que derive o aparelho não pôde contrariado em tempo, pôde obrigar o piloto a uma descida em territorio inimigo ou em lugar inapropriado.

Toda esta minha longa enumeração de serviços prestados pelo observador e da sua intima ligação com o piloto na navegação aerea, servem para mostrar a importância de um ramo de serviço completamente ignorado e que não teve para recompensal-o, durante a guerra, o mesmo rombetear da fama e a arcoirisação das decorações que foram o apanagio dos pilotos.

Londres, 3 de Outubro de 1919.

Tenente Alister Martin

Passagem para creado A lei n.º 1473 de 9 de Janeiro de 1906 manteve no seu art. 40 o direito á passagem de creado para todo official e ainda declarou que esse direito persistia mesmo no caso em que a creada ou creado não pudesse acompanhar a familia do official e precisasse mais tarde reunir-se a ella.

Essa disposição, de apparencia insignificante, foi revogada em aviso recente.

Consultando porém a officiaes que têm precisado usar daquelle direito, que têm viajado com as difficuldades inherentes aos nossos transportes e á vida dos pequenos centros, conclue-se que tal revogação foi bem prejudicial e retirou aos militares um dos direitos que sensatamente lhes eram concedidos, como consequencia de uma analyse reflectida, sob a luz de uma

experiencia que penetrava e media o alcance de cada acto.

Através das multiplas restricções que dia a dia vão sendo impostas aos militares, todos elles, como homens, iguaes aos outros da mesma capacidade e cultura, são insensivelmente levados á fixação de domicilio com prejuizo para o serviço e embaraço para a administração publica.

Hontem revogavam as disposições sobre a ajuda de custo, fazendo-a depender do tempo de viagem, tirando a esse pequeno auxilio o character de servir ao novo estabelecimento do official. Ao que nos parece não é diferente o prejuizo de um official que desmonta sua casa, desfaz-se do que tem e vai do Rio ou Corumbá para Jundiahy ou Porto Alegre. A mudança de domicilio é que caracteriza a necessidade da ajuda de custo; esta não pode ser determinada pelo numero de horas de viagem.

E nessa questão é indispensavel lembrar que o official não pôde transportar o que tem, pois completando o systema de restricções elle tem direito apenas a 90 kilos de bagagem.

Não podemos acreditar que, meditando sobre o caso, possa alguém suppôr que, depois de tantas escolas, tantas provas, tantas exigencias, o official não precise de ter alguns livros, livros compatíveis com as suas habilitações, livros que satisfaçam ás exigencias da sua cultura moral e profissional. Qual será esse official que chegou ao posto de major sem ter reunido 90 kilos de livros? Será admissivel que elle abandone essa bagagem ou pague seu transporte com os magros vencimentos?

Si os administradores pensassem em si quando deliberam, si elles se lembrassem que era admissivel a comparação entre as suas necessidades e as daquelles a quem dirigem, embora muito differentes sejam as condições de meio e de recursos em que cada um opera, certamente tornar-se-iam mais bondosos em suas deliberações. E essa bondade seria largamente productiva para o serviço publico.

E' verdade que os altos administradores raramente terão oportunidade de sentir essas difficuldades. Quando SS. Excias. são assediados com empenhos para officiaes não sahirem de tal ou tal lugar, conviria indagar os motivos, ouvir as differentes circumstancias que concerrem a esse desejo, facil para uns, verdadeiro supplicio para outros.

Antigamente o official tinha direito a bagageiro — o homem que lhe tirava as preoccupações secundarias com os uniformes, o arriamento, o calçado, a montada, a correspondencia. O bagageiro desapareceu em nome do sorteio si bem que annualmente os corpos fiquem inchados de homens que na vida civil eram tanto

no bagageiros, ou menos. A recente revolução da passagem dá ainda a idéa de que o governo julgava conveniente substituir o bagageiro pelo creado.

Pensamos que todos os exercitos do mundo viram essas necessidades dos seus officiaes, para não lembrar outro, citaremos o caso argentino.

O official argentino tem direito ao bagageiro criado de modo especial ou a uma quantia creada e a roupa correspondente; o seu transporte é uma elementar consequencia, pois se pensou nas difficuldades dessa pequena questão.

talvez esse caso tenha ligação com o systema equiparações. Ahí ficam equiparados os officiaes que nunca sahiram a barra do Rio de Janeiro ou tomaram um trem do interior, bem como os funcionarios civis immoveis, com os officiaes que mudam o domicilio de dois em dois annos e ás vezes mais frequentemente.

Mais uma difficuldade se apresenta para os que desejam viver na linha recta, porque os *indolentes* conseguirão duas ou tres passagens creadas, assim como é sabido que com bons dinheiros pôde-se obter um vagão de estrada de ferro (o que ás vezes é bem justo) em vez de 90 kilos.

ah! as theorias! Quantas decepções ellas produzem em assumptos de tal natureza!

Compreende-se facilmente que um bom intendente — o de reduzir despesas para attender as necessidades urgentissimas do Exercito — conta e domina certos actos como este; seria bem indispensavel que a mesma varinha magica apontasse, fustigasse e afugentasse esses direitos constatados pelas necessidades imprescindiveis; tivesse tambem a virtude de remover essas necessidades, milagrosamente, opportunamente...

official de subsistencias

(Conclusão) (1)

preparo dos officiaes de subsistencias na paz

A escolha dos officiaes de subsistencias para o caso de mobilisação apresenta difficuldades para os commandantes de tropa porque não houve antes a paz ensino para conhecer sua aptidão para esse serviço especial.

As verdades não são as occasiões que faltam, que ellas não são procuradas ou aproveitadas; a instituição deste serviço é uma novidade e sua significação ainda não tem sido bem apreciada.

Em regra quando os commandantes querem aconselhar em materia de subsistencia elles dirigem ao intendente. Porque? Porque o intendente é mais competente e mais experimentado

nesse assumpto do que o official combatente, e não supõem neste a necessaria habilidade e espezteza em questões economicas.

Entretanto não ha razão para isso. O sentimento do dever, commum no corpo de officiaes, dá garantia de que o official combatente, desde que seja bem instruido e exercitado, dará completo resultado nesse assumpto. E seu preparo no serviço de subsistencia da tropa é, demais, uma vantagem que lhe aproveitará quando commandar uma companhia, um esquadrão ou uma bateria, pois é inseparavel da instrucção da tropa o cuidado pelo seu bem estar. Quem quizer fazer do soldado um guerreiro valido no agir e no pensar, tem que cuidar de seu bem estar. O soldado só adquire plena confiança em seu official quando reconhece que ao par de toda a sua severidade no serviço, este sente com elle e cuida d'elle. Esta é a convicção de todos os capitães compenetrados da formidável significação de seu posto de commando, para a eficiencia do exercito. Estes acham sempre os meios e modos de resolver as difficuldades quando se trata do bem estar physico de seus homens nos exercicios e nas manobras. Na vespera de exercicios mais demorados elles não dirão a seus homens: «Amanhã ha um grande exercicio de campanha; cada um leve almoço!» Não; elles darão pessoalmente as providencias sobre o «como», «de onde» e «quando».

Ahi está uma primeira oportunidade de exercitar o subalterno nas funções de official de subsistencias.

Raramente os commandantes de companhia dispõem de uma chamada «caixa baixa», á qual possam lançar mão livremente, sem prestar contas a seus superiores. Mas o commandante de batalhão tem esse recurso na «caixa da cantina» (?) E' elle quem arrenda a cantina do batalhão e a respectiva renda é por elle applicada como bem entender.

A escripturação respectiva é affecta a um intendente ou aspirante a intendente; mas esse serviço pôde igualmente bem ser attribuido a um tenente, o qual então ficará tambem incumbido de pensar, propor e executar as medidas convenientes nos casos de exercicios, manobras, etc., em que seja de utilidade proporcionar á tropa algum extraordinario.

Por esse serviço administrativo tal tenente não precisa ser afastado da fileira, mas pôde-se em occasião de maiores trabalhos aliviar o no serviço de escala.

A melhor occasião para exercicio e experimentação dos officiaes de subsistencia é a das manobras. Verdade é que este periodo é muito curto; mas elle é variado e é o que mais se approxima da guerra. O official de subsistencias se familiarisa com as ordens do chefe da Divisão relativas á subsistencia das tropas, elle deve saber exactamente como será resolvida a questão cada dia. Elle zéla pelo direito do pessoal no caso de alimentação e alojamento fornecidos pelos moradores (acantonamento), recebe os viveres e os necessarios de bivac nos armazens de subsistencias de manobras, e determina a compra de lenha e palha para camas onde isso seja attribuido á tropa. Realizado o

(2) N. do T. — A cantina proporciona ás praças a aquisição de objectos de uso e consumo pessoal, como sejam: artigos de escripta, manuaes de instrucção, artigos de imante, de limpeza, refrescos, etc.

(1) Vd. ns. 63, 64, 66, 78, 71, 77 e 79

serviço elle communica a tempo a seu commandante, no campo de manobras, onde se acham as columnas de subsistencia e tambem deve saber onde estão os trens de estacionamento. Elle determina a prompta chamada das columnas e revidas desde que a direcção das manobras o requirir. Onde houver carros-cosinha, elle fiscalisa seu funcionamento.

Elle se incumba da compra directa, a dinheiro, dos viveres que devam ser fornecidos á tropa no bivac ou em marcha, com recursos especiais da unidade. Em resumo elle cogita e age em tudo que se refira á subsistencia da tropa e com ella se relacione. Não se deve porém attribuir-lhe a venda das sobras de bivac porque isso o roubaria ao serviço que a tropa delle espera. Fica fóra de duvida que o official de subsistencia deve ser montado nas manobras, como em campanha.

Já alludimos á vantagem que ha em se utilizar officiaes de reserva para esse serviço de subsistencia em caso de mobilisação.

Onde isso fór previsto será recommendavel chamar esses officiaes para manobras.

Resumirei as minhas indicações para o preparo dos officiaes de subsistencia:

1. — Nomeação de officiaes de subsistencia na paz, em cada batalhão de infantaria, regimento de cavallaria e grupo de artilharia, dando-lhes as funções de órgãos executivos dos respectivos commandantes em questões de subsistencia, gerir a caixa da cantina, e fazer parte da commissão do rancho. (2)

2. — Designar officiaes de subsistencia para as manobras, dotando-os de montada nas tropas a pé.

3. — Autorisar a chamada de officiaes de reserva para essa função durante as manobras, computando-se-lhes essa incorporação como de instrucção.

Trad. Cap. Kilger.

(3) N. do T. — O rancho é organizado por batalhão. O funcionamento do preparo e distribuição dos alimentos é presidido pela «commissão do Rancho», constituída de um capitão, um tenente, e um ou dois graduados arranchados.

Quarteadores Desde as nossas guerras do sul que a artilharia é estigmatizada pelas suas irmãs com o epitheto de *tranhado*.

A culpa propriamente não cabe á artilharia, mas á falta de amor profissional que sempre os tem espicado. E esse qualificativo coube a ella, porque as outras armas jámais tiveram organisados os seus trens... Nunca tivemos tracção!...

Neste vasto paiz onde todos os climas se encontram, criando-se o cavallo com a facilidade com que cresce nos plainos arabes, os homens de hoje ainda se não entenderam sobre o cavallo de guerra e muito menos sobre o que se deve definir como cavallo de tracção. E a bem da verdade é preciso que se diga que nem a menor importancia ligaram a esse problema complexo e essencial á movimentação das armadas.

Conhecemos uma região onde da cavallada adquirida para a remonta, á artilharia era distribuido o que sobrava da escolha das outras armas... Que se arranjassem com as unhas que desse...

Tambem só agora em alguns corpos se tem encarado seriamente o ensino do conductor,

sem a preocupação unica de transmittir-lhe o sufficiente para fazer arrastar as peças ás paradas.

Os nossos caminhos, a que por euphemismo damos o nome de estradas, são outro factor concorrente ao ferrete que persegue a artilharia.

Estradas e tracção devem ser problemas conjugados, parecendo-nos que as autoridades militares deveriam ter interferencia directa no projecto daquellas; para não acontecer o que se passa aqui mesmo no Districto Federal, onde numa boa estrada, como a Real de Santa Cruz, ha trechos que só comportam a formação da columna por peça e em que difficilmente uma viatura poderá mudar de frente.

E apesar do progresso por que tem passado as condições da tracção com cintas de rodas e com *caterpillars*, afigura-se-nos que por muito ainda haveremos de contar unicamente com os recursos proprios do meio em que temos de agir.

Difficil se tornará o augmento de uma 4.^a parelha na nossa tracção e nos ferrenos pesados onde é preciso conjugar maiores esforços, a artilharia no Rio Grande do Sul lança mão, então, de um engenhoso recurso, copiado da vida civil e convenientemente adaptado, — as *quartas*. É um dispositivo muito usado pelas diligencias (unico meio de comunicação ainda em certos logares) que se têm de adaptar a toda sorte de difficuldades do terreno.

Romaguera em seu Vocabulario Sul-Riograndense define *quarta* como «corda que se prende nos varaes ou á lança do carro, indo a outra presa ao *cinchador* de um cavalleiro, que assim ajuda a tirar o carro quando os cavallos estão um tanto cansados ou quando se quer poupar os». *Quarteador* é, então, o cavalleiro que auxilia a tracção com a *quarta*, e *quartejar* é ajudar a tracção com as *quartas*.

O 3.^o G. A. C. nas ultimas manobras reconheceu a utilidade dos quarteadores e então levava já convenientemente preparado o arreiamento de alguns serventes com *cinchador*, onde se liga um dos extremos de um tirante (*quarta*) que pelo outro extremo se engata no gancho da arandela que fica entre o sotroço e a roda, e vai assim agir directamente na tracção da viatura. Já se vê que melhor se presta a isso o arreiamento campeiro...

Augmentam-se, assim, com toda a facilidade mais 2 animaes no esforço da tracção, com magnificos resultados, como tivemos occasião de presenciar por diversas vezes. E com certa engenhosidade esse numero poderá no mesmo systema ser ainda maior. Demais, qualquer cavallo manso de montaria presta-se para quarteador.

Nas fortes rampas ou nos atoleiros em que as tres parelhas eram impotentes para tirar a viatura, lá vinham os quarteadores em auxilio. É um systema muito economico e com facilidade conseguido em qualquer localidade do sul do paiz.

Sabemos que algumas baterias montadas do Rio Grande do Sul se acham tambem aprestadas com esses meios, mas os quarteadores são, então, os chefes de viaturas e os homens do sequito do capitão.

O nosso intuito é chamar a attenção para esse recurso, que muito bons serviços pôde prestar ás nossas viaturas quando em difficuldade nas estradas e caminhos.

E mal nenhum adviria de que os quarteadores se tornassem regulamentares...

que traz de novo o R. Cont. (N.2)

(Conclusão)

Guardas e escoltas de honra. — No art. 49 foram incluídos como «autoridade superior» o ministro da Guerra e o Chefe do E. M. E. as formalidades com que devem ser realizadas a qualquer guarnição. Foi acrescentado que as só terão lugar quando houver aviso offi- cial da chegada ou da partida.

Foi incluída no mesmo art. a 1.^a proposição antigo 50, relativa á passagem de official de acção igual ou superior á do cdt. da guarni- ção; em qualquer caso este só vai cumprimen- to acompanhado de seu immediato e de um ajudante — em vez de ir com toda a officiali- dade como estabelecia o antigo R. Cont., e o que era uma formalidade igual á estabelecida nas autoridades superiores.

Recebeu o n. 50 o artigo que trata de guarda de honra, o qual na edição antiga, por descuido de revisão estava sem numero, incorporado a outro assumpto. O texto não soffreu alteração. Acrescenta-se uma chamada ao R. E. A.

No art. 51 (escolta de honra), 2.^a proposi- ção, onde se dizia «em marcha não fará continência» foi acrescentado: «enquanto accompa- nar a autoridade», subentende-se — que vai escoltando; no final do art. foi acrescentado: «a força da escolta de honra é inseparavel de seu commandante».

A autoridade pode dispensar a escolta de honra e acompanhá-la enquanto passa revista a uma unidade em paradas.

Salvas de artilharia. — Art. 55, em vez de 15 horas e 18 horas estabelece-se: nascer do sol e pôr do sol.

No art. 56 foi supprimida a ultima proposi- ção, que o mesmo continha na 1.^a edição, por se referir a funeraes, o que faz objecto de outro artigo.

Honras funebres. — No art. 60 foi acrescentado que a musica, os corneteiros e tambores tomam parte na continência ao finado, após as descargas. Explica-se que as armas, para as descargas, são apontadas ao solo, a dois passos da primeira fileira.

Foi supprimida a descarga por batalhão: quando houver mais de uma companhia em marcha, a continência será feita successivamente em cada uma das paradas e as descargas serão dadas successivamente por uma companhia, previamente designada, a qual ficará á direita da linha.

Foi supprimida a disposição que mandava to- car a musica nos intervallos das descargas: é só após as descargas, durante a continência.

No art. 66 ha tres novas proposições: 1.^a a artilharia que tiver de dar salva em honra funebre não dá outro força mesmo que não esteja na guarnição tropa de outra arma; 2.^a a artilharia só presta honra funebre em for- tura a pé a officiaes ou praças do corpo, no caso de não haver em guarnição tropa de outra arma; 3.^a a cavallaria, a não ser a officiaes ou praças do corpo, só dá honra funebre si não houver na guarnição infantaria ou engenharia.

No art. 69, a disposição categorica de ne- cessidade honra funebre aos suicidas, fructo de um preconceito religioso, inconstitucional, foi abran-

dada, sem prejuizo da ethica militar: não serão prestadas honras funebres aos suicidas «quando a autoridade a quem compete ordenal-a não tenha podido colher provas de que não houve mo- tivo infamante no suicidio».

Os depositos de remonta

Ao lêr hoje um dos jornaes cá da terra deparei com a noticia da venda recente de cincoenta cavallos á Coude- laria e F. N. de Saycan, por intermedio de um corrector d'esta cidade.

Só mesmo quem por aqui vive pôde fazer uma ideia do que sejam taes cavallos: a julgar por outros, na sua quasi totalidade velhos ou estropiados, mancos ou lunancos e com defeitos de organização e aprumo, que esse e outros correctores hão tentado impingir aos corpos aquar- telados nesta cidade.

As necessidades patentes e indiscutíveis dos corpos de tropa montados vêm depre- cando insistentemente e com vehemencia a creação dos *Depositos de remonta*. Essa creação impõe-se como unica medida viavel si quizermos ver o Exercito dotado de um *serviço de remonta* e mesmo de uma remonta dignos de taes titulos.

E' muito maior do que por ahi se julga, a difficuldade com que luctam os corpos estacionados n'este Estado (e bem maior ainda será em outras regiões, natu- ralmente) para conseguir dentro do limite maximo (140\$) da quantia fixada para a aquisição de cavallos necessarios á sua remonta, animaes que satisfaçam *in-par- tibus*, já não digo *in-totum*, as justas exigen- cias do Reg. para o serviço de remonta, de 1909. Si com tal difficuldade, porém, não tem deparado a C. de Saycan, é porque, na mais das vezes a compra não é pre- cedida de um simples exame e o resultado d'isso é vermos chegar aos corpos de tropa, por occasião da remonta, verda- deiros *ratos*, que de cavallos só têm o aspecto; legítimos pelungos, de altura muito aquém da estabelecida pelo regula- mento, velhos, defeituosos ou impres- taveis.

E não é apenas com o Saycan que isso vem succedendo. Ainda ao expirar o anno de 1918, veio a este Estado um Tenente do 14.^o R. C., então estacionado em Tres Corações, effectuar a compra de cavallos para a remonta de seu regimento. Indu- bitavelmente esse official não poude dar cabal desempenho a tal commetti-

mento e isso explica-se, pois não dispunha de um profissional para o exame a que se refere o art. 16 do Reg. acima referido, exame que não pôde conscienciosamente ser feito por um leigo na matéria, e, além d'isso, não lhe era facultado lançar mão do recurso de redhibição no caso do animal apresentar, dentro dos quinze primeiros dias da compra, qualquer dos defeitos apontados nos dois primeiros paragraphos do mesmo artigo, visto que viajando continua e ininterruptamente sempre e cada vez mais se distanciava do local em que occorrera a transacção.

Bagé, Janeiro de 1920.

(Continúa)

Tenente *Argentino Salgado*.

TRABALHOS INÉDITOS

DO

1º Tenente CARLOS DE ANDRADE NEVES

Artilharia — Materiaes em serviço (*)

2.º GRUPO

Materiaes que constituem a Artilharia Pesada

São os materiaes de calibres considerados a partir de 95 mm., que dispõem ou não de meios de transporte proprios, podendo igualmente fazer parte ou não da dotação normal das grandes unidades.

Da mobilidade que possuem e da sua distribuição ás grandes unidades, resulta a seguinte

Classificação

- a) Materiaes que constituem a artilharia pesada de campanha (A. P. C.);
- b) Materiaes que constituem a artilharia pesada de posição (A. P. P.);
- c) Materiaes que constituem a reserva geral da artilharia pesada (R. G. A. P.).

a) Materiaes que constituem a A. P. C.

São os materiaes constituídos por baterias em condições de assegurar os seus deslocamentos por seus proprios recursos (tracção animal ou automovel) e que normalmente fazem parte integrante das grandes unidades (Divisões e Corpos de Exercito).

Calibres empregados

95 mm., 100 mm., 105 mm., 120 mm., 14 cm., 145 mm., 155 mm., 220 mm., 270 mm. e 280 mm.

b) Materiaes que constituem a A. P. P.

São os materiaes constituídos por baterias diversas, das quaes algumas analogas ás precedentemente classificadas, mas que não são providas de meios proprios de transporte.

A artilharia pesada de posição comprehende em particular a «Artilharia pesada de grande potencia: A. P. G. P.

Calibres empregados:

19 cm., 200 mm., 24 cm., 270 mm., 274, 293, 305, 320, 340, 370, 400 e 520.

c) Materiaes que constituem a R. G. A. P.

São todos os materiaes de grande calibre, que não entram na composição normal das grandes unidades.

Estes materiaes comprehendem:

I Baterias de tractores.

II Baterias de grande potencia, empregando normalmente como meio de transporte as vias ferreas normaes ou de 0m,60: A. P. V. F.

III Baterias de peças de marinha servidas por artilheiros marinheiros.

Canhão de 105 L, modelo 1913

Apesar de ser um canhão longo e de grande alcance, é de tiro rapido.

Canhão. — E' de aço, raiaado á direita, tendo as raiaes passo constante.

Comprimento da parte raiaada — 22 cal., 1.

A culatra de parafuso, systema Schneider, é de manejo rapido, obtido pelo movimento continuo de uma só alavanca.

O parafuso-culatra possui 4 sectores, dos quaes dois lisos e dois filetados.

A culatra dispõe de diversos dispositivos de segurança contra a abertura involuntaria da mesma, contra as detonações prematuras e contra as inflamações retardadas da carga de projecção.

Reparo. — Permite um longo recuo do tubo. A immobilização é assegurada por uma pá de contera. Não possui calçamento.

O tubo está ligado a um «treno», que encerra os cylindros do freio *hydraulic* e do *recuperador hydropneumatic* e os reservatorios do recuperador; o conjunto recua sobre o «berço» ou «chassis», supportado pelo reparo propriamente dito.

O canhão dispõe de um escudo de 4 mm de espessura, o qual acompanha o reparo no deslizamento.

Pontaria. — A pontaria em direcção é realisada por deslizamento sobre o eixo, no qual existe uma porca para esse fim.

Campo: 6º (105 millesimos).

A pontaria em altura é realisada por meio de arcos dentados, existentes no berço. O canhão não possui alça independente.

Campo: de — 5 a + 37º.

Apparehos de pontaria. — Collimador ou luneta panoramica.

Nível de tiro com tambor de alça e botão de commando de sito.

A luneta é graduada em «millesimos Rimailho» (6.000 por circumferencia), no sentido inverso do movimento dos ponteiros de um relógio.

Existe um nivel transversal destinado a corrigir a influencia da inclinação do eixo das rodas.

Munição. — Estojo de latão separado do projectil (1 só carga).

Atira: Shrapnell de carga á retaguarda, pesando 16kg,900; granada de aço, mod. 1914 (traçado D), pesando cerca de 16 kilos e contendo 2 kilos de explosivo.

Velocidade maxima de tiro (excepcionalmente utilizada) 6 a 8 tiros por minuto.

Mobildade. — Peso do canhão em bateria: 2.300 kilos.

Peso da viatura canhão: 2.650 kilos.

Transporte. — O canhão possui uma posição de tiro e uma posição de marcha; nesta, tubo e o tremó são recuados em toda a extensão sobre o berço.

Tração animal por 6 cavallos fortes.

Dados balísticos. — Alcance máximo: 12.500 m em $V_0 = 555$ m (Sh.).

Outras informações. — Duração da entrada em bateria: 15 minutos.

Na organização dos Corpos de Exercito, existem actualmente 3 grupos de artilharia pesada (a, dos quaes 2 são de 105, mod. 1913, (o 3º de 155 L Schneider); o canhão de 105 é substituído o 120 L.

Este canhão (105) também foi adoptado ao contra aviãos.

O serviço da peça é executado por 8 serventes.

Canhão de 155 C, mod. 1915, Schneider)

Destina-se ao tiro tenso e ao tiro mergulhante.

Canhão. — E' de aço, raiado progressivamente á direita; inclinação final das raia: 7°. Numero de raia: 48.

Culatra de parafuso Schneider, analogo á do 105, mas não dispõe do orgão de segurança contra as inflamações retardadas, desnecessario, visto não ser um canhão de tiro rapido.

Nota. — Este orgão que existiu a principio, estava de um parafuso de segurança, funcionando por inercia; foi depois supprimido, encontrando-se ainda em algumas culatras o seu encaixe.

Reparo. — E' analogo ao do 105.

Pontaria. — A pontaria em direcção é realisada por deslissamento sobre o eixo; campo: 6°. A pontaria em altura, como no 105, mas spondo de um campo de 0° a + 42°.

Apparelhos de pontaria analogos ao do 105. Luneta panoramica, porém, é graduada no mesmo sentido do movimento dos ponteiros de um relógio, em 6.400 millesimos, divididos em sectores de 3.200 millesimos cada um.

Munição. — Estojo metallico, separado do projectil (6 cargas).

Atira: Granada de balins, mod. 1887, de peso médio de 40kg,800, encerrando 416 balins, com uma carga de arrebentamento de 0kg,550 de pólvora negra;

Shrapnell, mod. 1879, de peso médio de 0kg,590, encerrando 270 balins, com uma carga de arrebentamento de 0kg,450 de pólvora negra;

Granada alongada de aço, de peso médio de 3 kilos, encerrando cerca de 10kg,200 de explosivo;

Granada, mod. 1915, de fonte accirada, de peso médio de 43kg,750, encerrando cerca de 0kg,500 de explosivo.

Mobilidade. — Peso em bateria: 3.220 kilos. Peso da viatura canhão: 3.700 kilos.

Transporte. — Em 1 só viatura. Tração por cavallos fortes.

Dados balísticos. — Alcance máximo: 11.900 m, em $V_0 = 450$ m, (Gr. de F. A., mod. 1915).

Outras informações. — A entrada em bateria realisa-se em 20 minutos.

Velocidade de tiro máximo (excepcionalmente ilisado) 3 por minuto.

Diametro da alma entre duas raia: 157 mm. Comprimento total da bocca de fogo: 2332 mm.

Peso da massa recuante: 1.565 kilos.

Recuo máximo permitido: 1.360 mm.

Altura da linha de fogo: 1.453 mm.

Altura da linha de mira: 1.620 mm.

Pressão normal no recuperador: 31 kg.

O serviço da peça é executado por 8 serventes. Existe na organização actual, 1 grupo de 155 C Schneider, mod. 1915 ou 1917, por Divisão de Infantaria.

Canhão de 120 L, mod. 1877

E' um canhão destinado em principio ao tiro tenso e ao tiro mergulhante.

Constitue um material muito resistente e muito preciso, fornecendo em tiro de tempo a grande distancia (8.000 a 10.000 metros) uma boa effcacia contra o pessoal.

Apezar destas qualidades, porém, está sendo substituído, assim como os demais canhões longos de 120, pelo canhão de 105, mod. 1913.

Canhão de 120 L, mod. 1878

Dados balísticos. — Alcance máximo: 12.400 metros, com $V_0 = 613$ metros.

Munição. — Cartuchos (6 cargas).

Atira: Lanternetas com 300 ballins;

Granadas de balins, pesando 19kg,200 e contendo 280 balins de 20 gr. e 9 blocos de fonte, fornecendo 135 fragmentos;

Shrapnell, mod. 1887—1915, pesando 18 kg. e contendo 214 balins;

Granadas de um peso médio de 20 kg, de fonte accirada (traçado D), com 2 kg. de explosivo;

aço alongada, mod. 1914, com 4 kg,300 de explosivo.

Mobilidade. — Peso em bateria: 3.500 kilos.

Transporte. — Para o transporte é provido de um armão, que pesa 500 kilos. Tração animal (12 cavallos) ou automovel.

Velocidade de tiro. — 1 por minuto.

Canhão de 120 C, mod. 1890

E' destinado ao tiro mergulhante.

Dados balísticos. — Alcance máximo: 5.700 m, com $V_0 = 284$ m.

Munição. — Cartuchos (8 cargas).

Atira: Shrapnell de carga á retaguarda, pesando 20kg,350 e contendo 638 balins de 12 gr.;

Granada de balins igual á do 120 L;

Granada de aço alongada igual á do 120 L.

Mobilidade. — Peso em bateria: 1.475 kg.

Transporte. — Utilisa um armão de campanha; peso total: 2.355 kg.

Tração animal ou automovel.

Velocidade de tiro. — 2 por minuto.

Canhão de 120 C, Schneider

Realisa o tiro tenso e o tiro mergulhante. E' organizado segundo os mesmos principios do 105 L, mod. 1913.

Dados balísticos. — Alcance máximo: 8.100 metros, com $V_0 = 350$ m.

Munição. — Estojo metallico, separado do projectil (6 cargas).

Atira: Granadas, pesando cerca de 20 kilos, de fonte accirada, mod. 1915, contendo 4kg,100 de explosivo;

aço, mod. 1915 (traçado D), contendo 4kg,100 de explosivo.

Canhão de 155 C, Schneider, mod. 1917

Este canhão, além de outras pequenas diferenças com o modelo 1915, possui uma de grande importância:

Não atirando com estojos metálicos, a culatra do mod. 1917, comporta como systema de obturação, um obturador plastico Schneider.

Velocidade de tiro. — 2 por minuto.

Munição e outros dados iguaes aos do mod. 1915.

Nota sobre a tracção. — A tracção automovel é geralmente applicada ás viaturas pesando mais de 3.000 kilos. Para as viaturas deste peso inferiores, emprega-se de preferencia a tracção animal (de 6 a 12 cavallos), salvo no caso de ser necessario realizar deslocamentos rapidos a distancias consideraveis, nos quaes se recorre á tracção automovel.

E' este o criterio actualmente adoptado na artilharia franceza.

3.º GRUPO

Materiaes que constituem as artilharias destinadas a missões especiaes.

Estes materiaes comprehendem:

- a) Artilharia de trincheira;
- b) Artilharia anti-aerea;
- c) Artilharia de assalto;
- d) Artilharia de acompanhamento;

a) Artilharia de trincheira:

E' constituída por materiaes de modelos variados e de mobilidades muito differentes, atirando a pequenos alcances projectis de grande capacidade de explosivo.

Os materiaes existentes dividem-se em 2 grupos:

Morteiros leves e morteiros pesados.

Calibres empregados

58 mm, 75 mm, 150 mm (considerados leves); 240 mm e 340 mm (pesados).

Modelos existentes

- Morteiro de 58, n.º 1 bis;
- Morteiro de 58, n.º 2; (Tendente a se tornar regulamentar);
- Morteiro Van Deuzen;
- Morteiro de 75, mod. 1915, Schneider;
- Morteiro de 150 T; (Tendente a se tornar regulamentar);
- Morteiro de 240 C T;
- Morteiro de 240 L T; (Tendente a se tornar regulamentar);
- Morteiro de 340 T.

Noticia sobre o material citado

Morteiro de 58, n.º 1 bis

E' um morteiro liso de carregamento pela bocca.

Realisa o alcance maximo de 450 m, com $V_0 = 67$ m, atirando uma bomba provida de azelhas, pesando 16 kilos, de fonte ou de aço, com 4 ou 6 kilos de explosivo.

A pontaria em direcção é feita por meio de um fio a prumo; em altura por meio de um nivel.

Mobilidade. — Peso em bateria: 181 kilos.

Transporte. — Nas proximidades da linha de fogo, a braços, por 8 homens, quer desmon-

tado, quer sobre uma viatura especial, puxada pelos serventes; para os grandes deslocamentos, utilisam-se pequenos carros de parque.

A entrada em bateria é rapida, sem preparo prévio do terreno.

Velocidade de tiro — 3 tiros em 4 minutos.

Morteiro de 58, n.º 2

E' mais pesado e mais potente que o anterior.

Alma lisa; carregamento pela bocca. Realisa o alcance maximo de 1.050 m, com $V_0 = 102$ m, atirando uma bomba de 18 kilos, contendo 5kg,350 de explosivo.

Carga de projecção em cartuchos.

Atira tambem a bomba de 16 kilos do n.º 1 bis e mais as seguintes:

Bomba de aço de 40 kilos, contendo 10kg,500 de explosivo;

Bomba de aço de 35 kilos, contendo 10 kilos de explosivo;

Bomba de aço de 45 kilos, contendo 23 kilos de explosivo (não mais fabricada).

Acham-se em estudo as bombas:

F, de fonte, de 10 kilos, contendo 2 kilos de explosivo e devendo realizar um alcance minimo de 1.600 metros, e G, de aço, de 14 kilos, contendo 4 kilos de explosivo e devendo realizar o alcance maximo de 1.400 metros.

Mobilidade — Peso em bateria: 417 kilos.

Transporte — Analogo ao precedente, mas por 16 serventes.

Entrada em bateria rapida, sem preparo prévio do terreno.

Velocidade de tiro: 1 em 3 minutos.

Morteiro Van Deuren

E' um morteiro belga, destinado a substituir o n.º 1 bis.

As variações de alcance são obtidas com uma inclinação constante de 45º, fazendo-se variar a capacidade da camara.

E' de manejo rapido e faz um tiro preciso.

Realisa o alcance maximo de 700 metros, com $V_0 = 78$ m. Atira uma bomba de azelhas de 19kg,500, contendo 6 kg. de explosivo.

Mobilidade — Peso em bateria: 350 kg.

Transporte. — Sobre um carro de parque, puxado pelos serventes (6).

Velocidade de tiro. — 3 a 4 por minuto.

Particularidade interessante. — Este morteiro não possui tubo alma; o tubo é substituído por um eixo cylindrico.

O projectil é dotado de um appendice, no qual existe uma cavidade tambem cylindrica, a qual é collocada sobre o eixo, envolvendo-o e fazendo as vezes de tubo.

Morteiro de 75, mod. 1915, Schneider

E' raiado e de carregamento pela culatra. Numero de raios: 12. A culatra é de cunha.

Póde fazer o tiro vertical e o tiro tenso.

Realisa o alcance maximo de 1.700 m, com $V_0 = 130$ m, atirando a granada de 75 de campanha, mod. 1900.

Mobilidade. — Peso em bateria: 355 kilos.

Transporte. — Normalmente sobre rodas, puxado por 5 homens ou, desmontado, transportado por 14 homens.

Entrada em bateria, no 1.º caso, muito rapida.

Velocidade de tiro. — 4 por minuto.

Morteiro de 150 T

Faz o tiro vertical e o tiro tenso. Alma lisa. Carregamento do projectil, pela bocca; do joço pela culatra.

Realisa o alcance máximo de 1.900 m, com $V_0 = 145$ m.

Atira uma bomba de azelhas de 18kg,500, com 300 de explosivo.

Mobilidade. — Peso em bateria: 600 kilos.

Transporte. — Sobre rodas, puxado por 6 ou homens, ou, de preferencia, por 1 cavallo.

Velocidade de tiro. 3 por minuto.

Morteiro de 240 C T

E' de alma lisa e de carregamento pela bocca, projectil entrando todo inteiro no tubo.

Realisa o alcance máximo de 1.400 metros, com $V_0 = 102$ m.

Atira uma bomba (T) de 83 kilos, contendo 400 de explosivo.

Mobilidade. — Peso em bateria: 1.692 kilos.

Transporte. — Desmontado, em 3 viaturas especiais (morteiro, reparo e plataforma).

Entrada em bateria, bastante demorada.

Velocidade de tiro — 1 em 6 minutos.

Nota. — Nos morteiros de carregamento pela bocca, o corpo da bomba não penetra no tubo, ca no exterior, assim como as azelhas. Na alma, apenas introduzida uma haste, de que são unidos estes projectis.

Morteiro de 240 L T

E' de alma lisa. Carregamento como no 150. Realisa o alcance máximo de 2.150 metros, com $V_0 = 145$ m.

Atira a bomba T do precedente.

Mobilidade. — Peso em bateria: 3.500 kilos.

Transporte. — Desmontado, em 3 viaturas especiais (morteiro, reparo, plataforma), puda cada uma por 1 cavallo.

Velocidade de tiro. — 1 em 6 minutos.

Morteiro de 340 T

Constitue o material de trincheira de maior potencia.

Exige para a sua installação a construção um embasamento de beton e para o reabastecimento em munição, uma via ferrea de 0m,60.

analogo ao 240.

Realisa o alcance máximo de 2.300 m, com $V_0 = 150$ m.

Atira uma bomba de azelhas (de aço) pendo 195 kilos e contendo 93 kilos de explosivo.

Mobilidade. Peso em bateria: 2.510 kg.

Transporte. — Desmontado, em 3 viaturas, entadas cada uma em um armão do 90 de impanha e puxada por 4 cavallos.

Entrada em bateria. — A construção do socco para 4 semanas.

Velocidade de tiro. — 1 em 6 minutos.

Nota. — A installação completa de uma bateria de trincheira, durante a guerra de posição, quer, conforme o calibre, de 15 dias a 1 mez.

Existe uma bateria de A. T. por corpo de exercito.

As divisões não a possuem. A artilharia de trincheira depende (excepção feita da bateria

citada) da Reserva Geral da Art. e constitue um «material de sector», na guerra de posição. Os regimentos são a 8 grupos de 4 baterias cada um.

b) Artilharia anti-aerea:

Para combater os objectivos aereos têm sido empregados canhões dotados de uma grande mobilidade, ou canhões montados em postos fixos. Em qualquer dos casos, só se empregam canhões de tiro rapido.

Calibres empregados

75 mm e 105 mm.

Modelos existentes

Canhão de 75, mod. 1897, sobre automovel (auto-canhões).

Canhão de 75, mod. 1897, sobre plataforma, mod. 1911;

Canhão de 75, mod. 1897, sobre plataforma, mod. 1915.

Canhão de 75, Deport, mod. 1912.

Canhão de 105 L, mod. 1913.

Com excepção do primeiro, os demais têm sido empregados em postos fixos.

O freio do 75 foi modificado para permitir o tiro sob grandes angulos, visto o freio não modificado não resistir aos tiros sob angulos superiores a 20°.

Sobre automovel o canhão de 75 dispõe de um campo vertical de 0° a +70°, e de um campo horizontal de 240°.

Sobre a plataforma circular (mod. 1911) o campo horizontal é elevado a 360°.

Sobre a plataforma metallica (mod. 1915) dispõe igualmente de um campo horizontal de 360°, e de um campo vertical de +12° a +85°.

O freio e o reparo do canhão de 105 foram igualmente modificados em consequencia.

O canhão Deport possui normalmente um campo horizontal de 54°, e um campo vertical de 70°.

c) Artilharia de assalto:

Este material é composto de *carros de assalto* (tanks), cujo armamento varia conforme o modelo.

Quanto ao armamento, existem 3 typos:

Os tanks de metralhadoras (pequenos);

Os tanks de metralhadoras e outros engenhos;

Os tanks de artilharia.

Estes dispõem como material de artilharia, um canhão de 75, mod. 1897.

Existem os seguintes modelos:

Carro, mod. Schneider, bastante lento, com meios de acção completos, mas limitados.

Carro mod. St. Chamond, mais pesado ainda e mais lento que o precedente, mas possuindo uma capacidade offensiva maior.

Carro, mod. Renault, menor que os anteriores, porém mais rapido, menos vulneravel e possuindo qualidades de progressão superiores em terreno variado.

Os tanks de artilharia possuem tambem metralhadoras.

A unidade de emprego da artilharia de assalto é o «grupamento», constituido por um numero variavel de grupos e por 1 secção de reparação e de reabastecimento.

O grupo compõe-se de 3 baterias.

A bateria consta de 4 carros de assalto.

d) Artilharia de acompanhamento:

Diversos têm sido os materiais empregados no acompanhamento da infantaria, sem que tenham dado grandes resultados; entre elles achase o morteiro de 75, mod. Schneider, citado no material de artilharia de trincheira, com o qual se têm colhido resultados regulares.

Existem mais os morteiros Archer, Darne e Simon, todos de alma lisa e de 75 mm de calibre, todos mais ou menos abandonados hoje.

Como artilharia de acompanhamento são actualmente empregados dois modelos:

O morteiro inglez Stokes, empregado na defensiva e o morteiro Jouhandeau-Deslandres, empregado na offensiva.

O morteiro Jouhandeau-Deslandres realisa o alcance maximo de 1.500 m e atira uma grana-da de 4 kilos.

E' transportado sobre rodas, puxado por 2 homens. Peso: 160 kilos.

Velocidade de tiro — 10 por minuto.

Existem 4 por batalhão.

O morteiro Stokes atira uma bomba de 10 kilos e realisa uma velocidade de tiro muito maior.

O problema da artilharia de acompanhamento ainda não está resolvido.

Um canhão de acompanhamento achase em estudos, devendo possuir os seguintes caracteristicos: alcance maximo, 2.400 m; velocidade de tiro, 15 por minuto; peso, 270 kilos.

A Sub-comissão de Artilharia não estudou os canhões de 37 e de 47 mm, por se acharem os mesmos, no exercito francez, a cargo da infantaria.

O canhão de 37, conjunctamente com o de 75, mod. 1897, é tambem empregado como artilharia contra tanks.

Observação geral. — Todas as informações e dados apresentados nos capitulos precedentes, relativos aos materiais em serviço actualmente, na artilharia franceza, foram colhidos pela Sub-comissão de Artilharia em documentos e outras fontes officiaes.

Paris, 30 de Agosto de 1918.

Subsidio a R. E. E.**Instrucção de sapadores****Classificação das terras**

1.—Não offerecendo todos os terrenos a mesma consistencia surge a necessidade de classificá-os, para se poder fazer uma conveniente distribuição de ferramenta.

2.—As terras se classificam em:

a) — **fracas** ou a **um homem**, quando podem ser revolvidas e removidas só com a pá, sem carecer auxilio do alvião;

b) — **médias** ou a **homem e meio**, quando duas pás removem em um determinado tempo o que um alvião cavou em tempo igual;

c) — **fortes** ou a **dois homens**, quando basta uma pá para remover o que um alvião revolveu em tempo igual;

d) — **muito fortes** ou a **tres homens**, quando uma pá remove o que dois alviões cavaram em tempo igual.

3.—Assim o criterio seguido na classificação consiste em sommar a uma pá a fracção ou

numero de alviões precisos para revolver o terreno que em tempo igual ao da excavação, a mesma pá remove.

4.—Praticamente se determina a natureza de uma terra, mandando um homem, bom manejador de alvião, cavar durante determinado numero (a) de minutos o terreno e contando o tempo; (b) tambem de minutos que um páleador gasta para remover a terra revolvida.

Esses numeros são então substituidos na formula

$$n = \left(1 + \frac{a}{b}\right)$$

indicando **n** o numero de homens que caracteriza a terra. Exemplo: um alvião excavou o terreno durante 10 minutos, uma pá gastou 20 minutos para remover a terra, esta será terra a

$$n = \left(1 + \frac{10}{20}\right) =$$

1,5 homens ou terra média; si a pá gastou os mesmos 10 minutos para remover a terra, esta terra é terra a

$$n = \left(1 + \frac{10}{10}\right) =$$

2 homens ou terra forte, assim por diante.

5.—A pratica ensina que um bom páleador lança a terra horizontalmente até á distancia de 4 metros, verticalmente até á altura de 2 metros.

Além destes limites precisa-se estabelecer uma cadeia de páleadores, que distarão uns dos outros 4 m quando a remoção é horizontal, 2 m quando em altura.

6.—Quanto ao rendimento do trabalho é calculado, admittindo-se que, com ferramenta grossa, um homem excava em uma hora, em média, trabalhando pouco tempo:

1m³,000 em terras fracas;

0,750 em terra forte; si o trabalho se prolongar além de 4 horas, aquelles numeros serão substituidos pelos seguintes:

0m³,700 em terras fracas;

0m³,450 em terras médias;

0m³,200 em terras fortes.

Empregando-se exclusivamente a ferramenta portatil da infantaria, aquelles numeros devem ser reduzidos á metade.

Distribuição da ferramenta

1.—As viaturas ou cargueiros, que conduzem a ferramenta são levados, si os caminhos o permitirem e não havendo perigo de serem vistos pelo inimigo, o mais proximo possivel da obra, ou a um local desenhado ás suas vistas em caso contrario.

2.—A ferramenta é então destarregada, formando-se uma pilha de alviões e outra de pás, ficando as mesmas afastadas uma da outra dous passos. Si preciso, será tambem descarregada, collocando-se ao lado das pilhas já formadas, ferramenta de outra especie: facções, alavancas, machados, serras, etc.

3.—O commandante da fracção que tiver de receber a ferramenta destacará para o local onde a mesma se achar empilhada, um sargento e duas praças, geralmente o sargento menos graduado ou mais moderno e a fila esquerda da unidade,

homens estes que se incumbirão de distribuir a ferramenta. Cada praça se postará ao lado de uma pilha, dirigindo o sargento o serviço.

4.—A proporção da ferramenta a distribuir será indicada ao sargento pelo commandante da força. Assim si este diz: Terra a 2 homens! — o inferior fará distribuir um alvião ao primeiro homem, uma pá ao segundo, outro alvião ao terceiro, outra pá ao quarto e assim por diante. Si a indicação fôr — Terra a homem e meio — o inferior distribuirá um alvião ao primeiro homem, uma pá ao segundo, outra pá ao terceiro, outro alvião ao quarto e assim por diante. A distribuição principiará sempre pelos alviões, excepto quando se tratar de terra fraca, caso em que só se distribuirão pás.

5.—A força que vai receber a ferramenta, é conduzida até proximamente uns dez passos das pilhas de ferramenta, formada em columna por dous. A essa distancia e sem interromper a marcha, o cabo ordenará:

Por um da direita!

A esta voz os cerra-filas continuam a marchar, entrando cada chefe de fila á retaguarda de seu cerra-fila, formando assim a columna por um. A tropa é então conduzida a passar entre as pilhas de ferramenta, recebendo cada homem a que lhe competir.

Logo que todos os homens de uma esquadra hajam recebido ferramenta, o cabo ordenará:

Columna por dous!

A esta ordem cada chefe de fila irá formar á esquerda de seu cerra-fila, formando-se assim a columna por dous.

6.—Convindo sempre para regularidade das tarefas que a distribuição da ferramenta principie pelo flanco direito, a formação por dous será tomada por — Direita volver! ou — Por dous da direita-marche!

7.—Aos graduados, commandantes das esquadras, se distribuirão, de ordinario, pás rectas ou enxadas, por lhes competir, além da direcção de sua esquadra, e consequente fiscalização das dimensões da obra, que se executa, a feitura regular dos taludes. Para este fim servir-se-á da pá recta; a enxada será empregada para puxar para longe as terras que os homens, por estarem no interior da trincheira, depositam proximo aos seus taludes.

8.—Distribuida a ferramenta, a força irá formar, no local e formação previamente designados, ou será immediatamente conduzida, na formação em que se achar ou na que fôr determinada para o local do entrincheiramento a construir.

9.—Estando a força armada, antes de receber a ferramenta, ocllocará a arma em bandoleira, para o que se farão os commandos necessarios.

10.—As esquadras de sapadores serão constituídas por 3 filas, tendo para commandante um graduado. Essa dotação é necessaria para a regular distribuição da ferramenta e consequente distribuição das tarefas.

1º Tenente Arthur J. Pamphiro.

O não recebimento da revista é geralmente culpa do assignante, porque ella não se faz si não para ser distribuida.

Não demorar a communicação de mudança de destino, nem retardar reclamação.

1.º Tenente Carlos de Andrade Neves

Depois de uma vida collegial que chamou a atenção para o seu nome, Carlos de Andrade Neves resolveu seguir a carreira das armas.

Sua matricula na Escola de Guerra conquistou-a elle mesmo, através das provas de capacidade que lhe deram as vantagens de commandante-alumno do Collegio Militar do Rio de Janeiro, o que vale dizer — 1.º lugar de sua turma.

Na Escola de Guerra facil lhe foi manter o conceito que conquistára; sempre alumno distincto, sempre bondoso camarada, disposto a transmittir o que sua treizada intelligencia assimilára mais facilmente.



1º Tenente Carlos de Andrade Neves

Promovido a «aspirante», não se deixou dominar pelo brilho do anel de engenheiro e firmou seu pendor de soldado, escolhendo a arma de artilharia para continuar seus estudos.

Pouco depois de sahir da Escola de Artilharia e Engenharia publicou o seu trabalho «Artilharia de Campanha — Idéas Geraes» — livro que reflectia os seus estudos e o espirito academico com que o organisára.

Iniciado na vida de regimento, Carlos de Andrade Neves augmentou o seu destaque.

Correctissimo no cumprimento dos seus deveres ao ponto de tornar-se um exemplo, disciplinado, trabalhador, bondoso, emergia dentre seus camaradas, envolto na sua extremada modestia.

Desejou ser aviador e o foi, persistindo em um treinamento difficil e arriscado pelas condições ainda rudimentares em que no Brazil se iniciou essa aprendizagem. Ahi foi victima de um desastre do qual sahio gravemente ferido no rosto.

Antes de partir para a Europa servio no 1.º Regimento de Artilharia Montada e ahi publicou, em collaboração com o Capitão Plutarco Caiuby, o «Guia para o instructor de apontadores».

Foi assim, nessa vida de trabalho constante

e de constante dedicação ao Exército e especialmente á sua arma, que o 1.º Tenente Carlos de Andrade Neves se impoz aos seus chefes e camaradas e, quando partiu para a Europa, contando apenas 26 annos de idade, já era um official de reconhecido valor, capaz de aproveitar, com vantagem, as lições da guerra.

Si essas foram as intenções do governo, escolhendo o joven official para aperfeiçoar seus conhecimentos, outra não foi a interpretação que elle sempre deu aos seus deveres, procurando todos os meios de adquirir uma solida experiencia que lhe permittisse — como opportunamente permittiu — transformar em uma acção profissional segura, todo o seu amor pelo Brazil.

A quantidade de notas e traducções que o tenente Andrade Neves escreveu durante o curto tempo de sua vida em França, revelam que elle não perdia um só momento em cogitações que o alheiassem dos seus labores profissionais.

As suas notas do tempo em que esteve no «Front», repositório de saudade e patriotismo, traduzem os seus delicados sentimentos, e, o pequeno testamento que fez ao deparar com as probabilidades da morte, demonstra o seu carinho para com o Exército e a preocupação que mantinha pelo seu aperfeiçoamento.

Nas suas notas reportava-se constantemente ao céu. Era o céu, quando se apresentava limpo e marchetado de estrallas, o que elle encontrava de mais semelhante na rememoração da sua patria e elle assim o exprimiu:

«São 3 horas da madrugada, a bateria se prepara para abandonar a posição, o céu azul profundo e repleto de estrellas, faz-me lembrar o querido Brazil».

Em 7 de Setembro de 1918 escreveu «A' hora em que as nossas forças deviam estar desfilar no campo de S. Christovão, eu gravava no tronco de uma grande arvore da floresta de Corey, o meu nome, a grande data brasileira e o nome da minha cara patria. Os estampidos monotonos ouviam-se desde a vespera; de repente ouço um ruido mais forte, sinto alguns pedaços de galhos secos e torrões de terra cahirem sobre mim. Era uma granada allemã que havia arrebatado a cerca de 50 metros; nesse momento eu acabava de gravar a palavra Brazil... e era 7 de Setembro».

No dia 18 de Setembro escreveu: «Choveu durante a noite, mas o céu amanheceu azul como o brasileiro, o sol brilhou e a temperatura tornou-se amena. Os clarins pela primeira vez marcham tocando estridentes e alegres e o regimento passa o glorioso Marne, o mais feliz dos rios francezes, onde por duas vezes foi quebrado o esforço gigantesco dos allemães».

• No seu testamento teve a delicadeza de pedir que dividissem os seus livros entre as bibliothecas do 1.º e 4.º Regimento em que servira e, ainda mais, recommendou que destinassem 200\$ a cada um dos apontadores que fizesse o primeiro lugar no concurso normal daquelles regimentos.

Estas disposições escriptas em situação difficil, tão longe dos regimentos que amava, quando uma multidão de outras idéas podiam assaltar o seu espirito, revela bem os sentimentos do joven official a que temos procurado fazer justiça, divulgando o seu procedimento correcto e exemplar.

Vem dahi o convite que distribuímos para trasladação dos seus despojos mortaes, repatriados pelo «Avaré»:

«A revista militar «A Defeza Nacional», devidamente autorizada, convida... para se associar ás homenagens que serão prestadas ao indolito camarada «1.º tenente Carlos de Andrade Neves» após a chegada dos seus despojos mortaes pelo «Avaré», homenagens que elle hemmereceu como exemplo que foi sua vida militar de como pôde ser útil ao seu país o official, mesmo jovem, sempre dedicado á profissão, no serviço e fora d'elle, sempre fiel ao compromisso militar, sempre leal para com seus subordinados, seus pares, seus chefes e, acima de tudo, para com a Patria».

T. P. S. De um artigo de Charles Normand sobre Os progressos da T. S. F. e a guerra, publicado na «Revue des Deux Mondes», extrahimos o seguinte:

A T. P. S. é um modo novo de ligação que prestou grandes serviços no segundo período da guerra. Foi applicada pela primeira vez pelos francezes e notadamente pelo general Ferrié, director da telegraphia militar. A T. P. S. é um systema telegraphico e os Champollions da hieroglyphia militar nos dizendo que essas fresletas indicam os iniciais de telegraphia pelo solo, esclarecidos ficaremos a respeito da natureza desse novo meio de comunicação.

Os allemães o empregaram logo depois dos francezes, mas tão bem como estes e sobre o assumpto as suas instrucções eram muito detalhadas, como prova uma, que cahiu nas mãos dos francezes, organizada pelo general von Gallwitz.

A T. P. S. é um systema telegraphico interdiário entre a T. S. F. e a telegraphia ordinaria por cabos. Como na T. S. F., as duas estações não se acham ligadas por fios, mas na T. S. F. as ondas são transmittidas pelo ar e na T. P. S. as correntes utilizadas são transmittidas pelo solo. São simplesmente correntes de indução.

Os philosophos nos ensinam que a indução é uma certa maneira de raciocinio em que uma coisa é suggerida por outra. Semelhantemente, e para fazer uma comparação que se impõe, uma corrente electrica de indução é uma corrente suggerida por uma outra, se podemos assim nos exprimir. Sabemos que todas as vezes que uma corrente electrica inicia a passagem por um fio, varia subitamente de intensidade ou cessa, produz-se bruscamente num fio paralelo, collocado a certa distancia, uma corrente chamada induzida. E comprehende-se, assim, que se collocarmos num determinado ponto do solo um fio de algumas dezenas de metros com as extremidades fixadas na terra de modo a fechar o circuito, e se ali fizermos circular uma corrente electrica de interrupção muito rapida, como a de uma bobina de Rhumkorff, que podemos dirigir á vontade, por meio de um Morse, por ex., essas interrupções irão produzir correntes induzidas em um fio mais ou menos paralelo, instalado a certa distancia, e permittirão transmittir signaes.

A experiencia mostra que estas correntes agentes deste novo modo de ligação, são correntes induzidas, que se propagam sobretudo

solo, e também, muito parcialmente, cursos de condução através do solo. Dahi o de T. P. S.

natureza do solo influe muito na propagação, dando os maiores alcances com os melhores resultados em solo ligeiramente humido e conductor de electricidade. Assim, o terço das matas, muito máo para a collocação de antenas de T. S. F., é optimo para a T. P. S.

Os dois processos se completam admiravelmente.

A vantagem da T. P. S. sobre a T. S. F. reside nas suas bases, estabelecidas no solo ou enterradas, são muito menos vulneráveis que as antenas, sempre mais ou menos descobertas. Em compensação, com uma mesma potência geradora, a T. S. F. alcança muito mais longe.

Não se conseguiu levar a varios kilometros a utilidade do emprego corrente da T. P. S., mas a utilização do *audion* amplificador.

A T. P. S. não serviu sómente para a ligação, prestou-se, em ambos os campos, com o auxílio do *audion*, para interceptar as comunicações telephonicas do adversario, o que deu na maioria dos sectores a só se telephonicamente em linguagem convencional, *cryptophonicamente*. As correntes muito variaveis que percorrem os fios telephonicos da frente, iam produzindo solo correntes induzidas que eram captadas por fios de T. P. S., insidiosamente enterrados nas trincheiras inimigas.

Bibliographia

Revista do Club Naval, Rio, n. 7, Dezembro de 1919.

summario: Pelas grandes industrias para a capacidade militar — Applicaçao da forçã de Ingresso à escolha de uma nova polvorã — Liga das Nações e a Paz Universal — Faina de carvão em alto mar.

Subsidios para um julgamento (O caso dos alemães) — Clodoaldo da Fonseca.

Revista de Guerra. — Rio, n. 1, anno III. Janeiro de 1920.

summario: O campeonato de Tiro — Raid no Rio de Janeiro.

Revista Militar, Rio, n. 47 a 49, de Fevereiro de 1920. summario: Os proxenetas da Patria — A nova geographia — Um heroe «manipulado» — Pedras para um monumento — A revoluçao bahiana, victoriosa e derrotada, systematicamente, pelo «paz fraudulando» a guerra.

Revista da Sociedade Medico-cirurgica Militar, Rio, n. 7, Janeiro de 1920.

summario: Pela especialisaçao — A vaccina antioftica em dose alta — Preparo de officiaes de guerra em Franca — Faculdade de Medicina Militar.

Revista Militar, Lisboa, n. 1, anno LXXIX, de 1920.

summario: Lições da grande guerra — A organização e os dispositivos de combate de guerra na Grande Guerra — Admissao à Escola Superior de Guerra de Franca em 1920.

Revista Militar, Buenos Aires, n. 228, Janeiro de 1920.

Do summario: Modelo de ordens para inspecções — Contribuiçao ao estudo da organizaçao e do regulamento de aviaçao — A defesa de Namur.

Subsidios para um julgamento

A campanha movida contra o fusil 1908 acaba de soffrer o remate com a publicaçao deste folheto pelo General Clodoaldo da Fonseca, chefe da comissao de compras, que adquiriu a primeira partida daquela arma.

Levantadas em 1911 pelo então Director da Fabrica de Cartuchos, as suspeitas relativas ao novo fusil, cresceram com a demora de sua distribuicao à tropa.

Compulsando-se as collecções da «A Defesa Nacional», de 1914 e 1915, encontra-se em varios artigos de collaboraçao e notas da redacção o historico de tão interessante questao no seu começo. Pôde-se mesmo dizer que a sua segunda phase, a mais elucidativa, foi por nós levantada em o nosso n. 3, Dezembro de 1913, a proposito do concurso de tiro colectivo desta guarniçao. Respondendo à nossa local, dois membros da comissao de compras, um dos quaes ainda na Europa, expuzeram a serie de provas soffridas pelo armamento Mauser nas experiencias mandadas proceder em virtude da denuncia do Director da Fabrica de Cartuchos. Mas, não obstante tão autorisados depoimentos e o brilho das defesas produzidas pelos capitães Bias Pimentel e Luiz Mariano, o descrédito do fusil 1908 não desapareceu senão depois da sua distribuicao à tropa, e foi mais tarde novamente proclamado, pouco antes da organizaçao do celebre syndicato estrangeiro que desejou comprar o juntamente com toda a sua munição.

A publicaçao do General Clodoaldo attem-se a esta ultima phase da questao, começando por historiar os trabalhos para a aquisiçao dos primeiros fusis e as demarches feitas pela comissao de compras para melhor acautelar os interesses do Thesouro, garantindo, por outro lado, a satisfacção das exigencias da technica.

Cooperaçao dos aeroplanos com a artilharia

De uma conferencia realisada na Escola Superior de Guerra argentina, transcripta na «Revista Militar» de Buenos Aires, extrahimos, pelo seu interesse, a parte seguinte, relativa à cooperaçao dos aeroplanos com a artilharia.

«A força aerea desenvolve sua maior actividade:

1.º) na exploraçao;

2.º) na cooperaçao com a artilharia.

O apparelo usado para observar o tiro da artilharia é o do tipo de reconhecimento, provido de installaçao radiotelegraphica para se communicar com a terra, a qual consiste entre outros orgaos, em um arame com um peso na extremidade. A communicacão de terra para o aeroplano não foi ainda posta em pratica, embora numerosas experiencias tenham dado bons resultados.

Os principios geraes dos varios systemas usados em todos os paizes são iguaes.

em primeiro lugar é preciso ter um meio con-
dional de descrição e orientação do objectivo.
A força aerea britannica usa-se o processo
seguinte:

uma carta geographica (de, por ex., 1:63,360,
1" para 1 milha) divide-se em folhas de
pollegadas quadradas. Quer dizer folhas de
por 6" (o que representa 36 milhas qua-
dradas) e designadas por uma letra do alpha-
beto: A ou B, etc.

Cada uma destas folhas divide-se por 36 qua-
drículas, numeradas de 1 a 36. Os numeros
respondem, pois, a quadrículas de uma pol-
legada quadrada e representam uma milha
quadrada.

As quadrículas dividem-se em quatro, assigna-
das pelas letras a, b, c, d, e estas contêm
divisões imaginarias que se contam da es-
querda para a direita e de baixo para cima.
A descrição de um ponto qualquer do ter-
reno faz-se da maneira seguinte: (Fig. 1).

	1	2	3	4	5	6
1	a	b				
2	c	d				
3						
4						
5						
6						

Fig. 1

Letra do alphabeto que designa a folha da
carta, por ex., C.

Numero da quadrícula, por ex., 5.

Ponto mais proximo da intersecção de duas
ordenadas, 8,7 c. 5. b. 8. 7.

Supplementar a esta descrição e orientação
um código para os objectivos communs, por
ex., 4 canhões em acção — 4 f. n.

Modo de corrigir o tiro (Fig. II).

O observador deve imaginar a figura de um
objectivo, com o objectivo no centro e a hora
na direcção N. Esta figura contém circulos
concentricos de raios diferentes, cada um de-
signado por uma letra do alphabeto, de A até F.

O circulo A tem 50 m de raio;

O circulo B tem 100 m de raio;

O circulo C tem 200 m de raio, etc.

No circulo A estão traçados dois circulos con-
centricos de raios respectivos de 20 e 10 me-
tros, designados pelas letras Y e Z. Ao obser-
var o tiro, o avião transmite as correcções,
sendo primeiro a hora mais proxima e depois
o circulo: 2. B. — 7. A.

A comunicação de terra para o aparelho
faz-se por signaes terrestres: pedaços de pan-
toes brancos, ou madeira, formando letras do
alphabeto. Para isto ha um código, por exemp'o:
A letra I significa — «Recebemos os signaes»;
a letra M significa — «Estamos promptos
para atirar».

Para nos fazermos comprehender melhor, si-

gamos o vôo de um aeroplano, que sobe para
observar o tiro de uma determinada bateria.

O aparelho tem um numero e para pôr-se
em comunicação com a bateria (que tambem
tem um numero), deve transmittir primeiro o
seu proprio numero, seguindo-o do da bate-
ria e da pergunta — «Recebe meus signaes?»

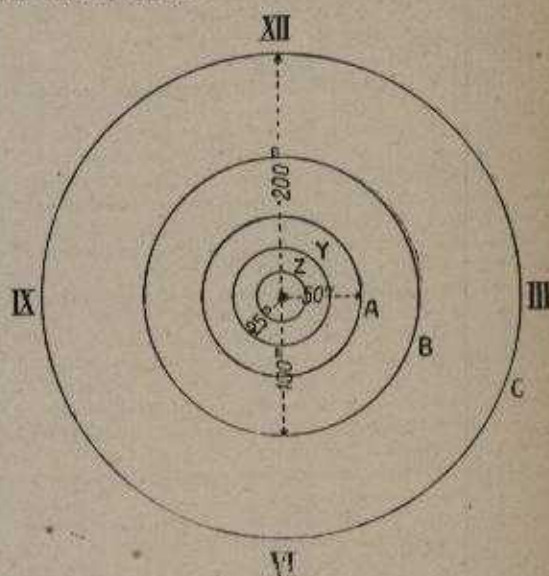


Fig. 2

Ao vêr o aeroplano, a bateria mostra um
signal negativo até que receba os seus signaes;
e depois pode mostrar a letra I, significando
afirmação.

Então o aeroplano procura o objectivo, pondo-
se em posição de poder vê-lo ao mesmo tempo
que a bateria e aguarda que esta mostre o
signal — «prompto para atirar».

O aeroplano, transmittindo sempre sua pro-
pria designação e a da bateria, descreve o ob-
jectivo; por ex.: Numero do aparelho, numero
da bateria, C. 7. a. 5. 8, e se é necessario o
que constitue o objectivo.

Depois de esperar um momento para permittir
a interpretação de suas indicações, e sempre
que veja o signal de terra indicando que as
comunicações são recebidas, o observador trans-
mittir o signal I (prompto), o que indica que
está em posição para observar o tiro. Depois
transmittir G (atire) e, ao observar o tiro, as
correcções; por exemplo: 5. A.

Se o observador nada vê, deve mandar o si-
gnal «Não observei».

Se os tiros são tão maus que ao observa-
dor parece inutil continuar a atirar contra o
mesmo objectivo, elle transmittir «Deixe de atirar».

Existem signaes para concentrar o fogo de
todas as baterias da zona sobre um objectivo.

A cooperação aerea com a artilharia é um
ramo especial da sciencia militar, que necessita
estudo e muita pratica para obter resultados bons.

Um observador habil pôde dirigir o tiro de
artilharia sobre varios objectivos simultaneamente.

Em certos sectores da França, era o piloto
que observava os tiros e transmittia as corre-
cções, enquanto o seu passageiro espreitava os
ataques possiveis de aparelhos inimigos.

A melhor altura para a cooperação com a artilharia é nas proximidades dos 1.500 metros. Na Palestina tivemos que fazer a 800 metros por causa da pouca densidade do ar.

General Percin

Figura de real destaque na artilharia franceza, o illustrado General cujo nome intitula esta noticia, tornou-se muito conhecido em nosso Exercito, especialmente no meio artilheristico, pela sua excellente obra «Cinq années d'inspection» e no curso da grande guerra pelo seu trabalho «La guerre et l'armée de demain».

Passados os primeiros e grandes acontecimentos militares de Agosto de 1914, muito se desejava conhecer a acção do illustrado militar e, através de noticias bem escassas, uma atmosfera de duvida surgiu mareando o nome do chefe francez, tocando fundamente a sua reputação militar.

Antes que fosse esquecido esse incidente, o trabalho já citado, «La guerre et l'armée de demain», pôz de novo em fôco a sua personalidade, justificando subtilmente, através de uma nova e exagerada preferencia pelas reservas de rapida preparação, uma das grandes acusações que lhe eram imputadas.

Vem a proposito salientar que, raciocinando para um paiz de população decrescente, necessitado de um grande effectivo para seu pé de guerra, a par de um correlato desenvolvimento industrial, «La guerre et l'armée de demain», não chegou ao extremo que nós adoptamos em 1908 com os voluntarios de manobra e as sociedades de tiro.

Mas, si não foi feliz a interpretação desse trabalho, accomodada no momento á justificação de fraquezas e economias, ella teve para o General Percin o mérito de dirigir a attenção para os acontecimentos que o haviam envolvido.

Resumindo sua defesa contra as graves acusações que lhe foram feitas, apparece elle agora nas paginas de «Lille» — titulo que lembra o nome da velha cidade fortificada cuja defesa lhe fôra confiada, origem das culpas publicamente acceitas — livro destinado a restabelecer o prestigio do seu autor.

Como se pôde prevêr «Lille» denuncia, na sua argumentação, na documentação com que se completa e nas questões que restabelece, a profunda magua de quem refuta grave injustiça e procura esclarecer uma situação complexa pelas diversas contingencias que nella influíram.

Em suas paginas empolgantes encontra-se desde a supplica em que o velho general, depois de uma existencia cheia de serviços que se iniciaram na guerra de 70 com honrosos ferimentos, implora a acção official para a salvação da sua honra de soldado, até o confortador capitulo «La reparation» em que se verifica o reconhecimento da verdade e surge a justiça plena através de M. Paul Painlevé.

«Lille» destaca o extremo sacrificio a que está sujeito um militar mesmo depois de ter conquistado uma honrosa reforma.

Sente-se que a preponderancia da politica interna creou uma série de difficuldades só agora esclarecidas e que, para o defensor de Lille, valeram as accusações de:

estar com as faculdades intellectuaes e moraes muito enfraquecidas;

ter verdadeiras allucinações — acontecendo que dellas fôra accomettido com a approximação do inimigo;

haver cedido a instancias da população e autoridades civis para a entrega de Lille aos allemães.

haver retido durante 24 horas um telegramma de Joffre, determinando que enviasse um reforço de 80.000 homens a Charleroi;

ter casado com allemã;

ter mandado aos allemães, por meio de pombos-correios, um aviso de que Lille não seria defendida;

ter retido um telegramma de French tendente a assegurar a junção dos exercitos alliados;

ter sido, em consequencia de traição, encarcerado na prisão de Cherche-Midi, destituído e depois fusilado.

Para confirmar a impressão causada por taes boatos, Percin chegou a ser vaiado na gare do Norte.

Todas essas accusações vinham da convicção popular de que o General Percin havia entregue a praça de Lille sem combater e realisara uma evacuação em completa desordem, denunciando uma covardia pernicioso á hora e aos interesses da França.

O livro que nos occupa demonstra que:

Percin sempre se interessou pela defesa de Lille, pertencendo ao pequeno grupo de chefes francezes que acreditavam na invasão da França pelo N. e através da Belgica.

Percin providenciou para restabelecer a defesa da praça, embora tardiamente, pois só depois da declaração da guerra foi informado de que della tinham sido retirados metralhadoras, muitos canhões e grande quantidade de munições.

Percin não chegou a receber a comunicação official de que Lille fôra considerada pelo Governo cidade aberta, porque na manhã do dia em que tal comunicação foi feita, deixara o commando da 1.^a Região militar por ter sido nomeado inspector das formações de artilharia da reserva, com ordem de recolher-se immediatamente a Paris para organizar seu novo serviço; consequentemente Percin não dirigiu a evacuação das tropas e depositos de Lille, incumbencia que recahiu no General Herment;

Percin teve grande difficuldade para conseguir a publicação das ordens que recebera e que formavam sua defesa;

Percin conseguiu, após os mais constantes, decididos e justificados esforços, a declaração do ministro Millerand — feita officialmente — de que elle não era responsavel pela evacuação de Lille, em Agosto de 1914 e, mais tarde, com o ministro Paul Painlevé obteve, em 15 de Julho de 1917, que fosse completamente reparada a grande injustiça, designando-o para representar o ministerio nas experiencias comparativas de artilharia no campo de Mailly, depois de ter sido distinguido a 13 do mesmo mez e anno com a dignidade da *Grand-Croix de la Légion d'Honneur*.

Sabemos que esta resumida noticia causará boa impressão em nosso meio militar e, para terminá-la, ajuntamos que no correr da leitura da excellente defesa, se verifica que as accusações que referimos, são completamente infundadas e se originam em uma pernicioso dissensão militar, que a administração não soube, não pôde ou não quiz evitar e destruir.